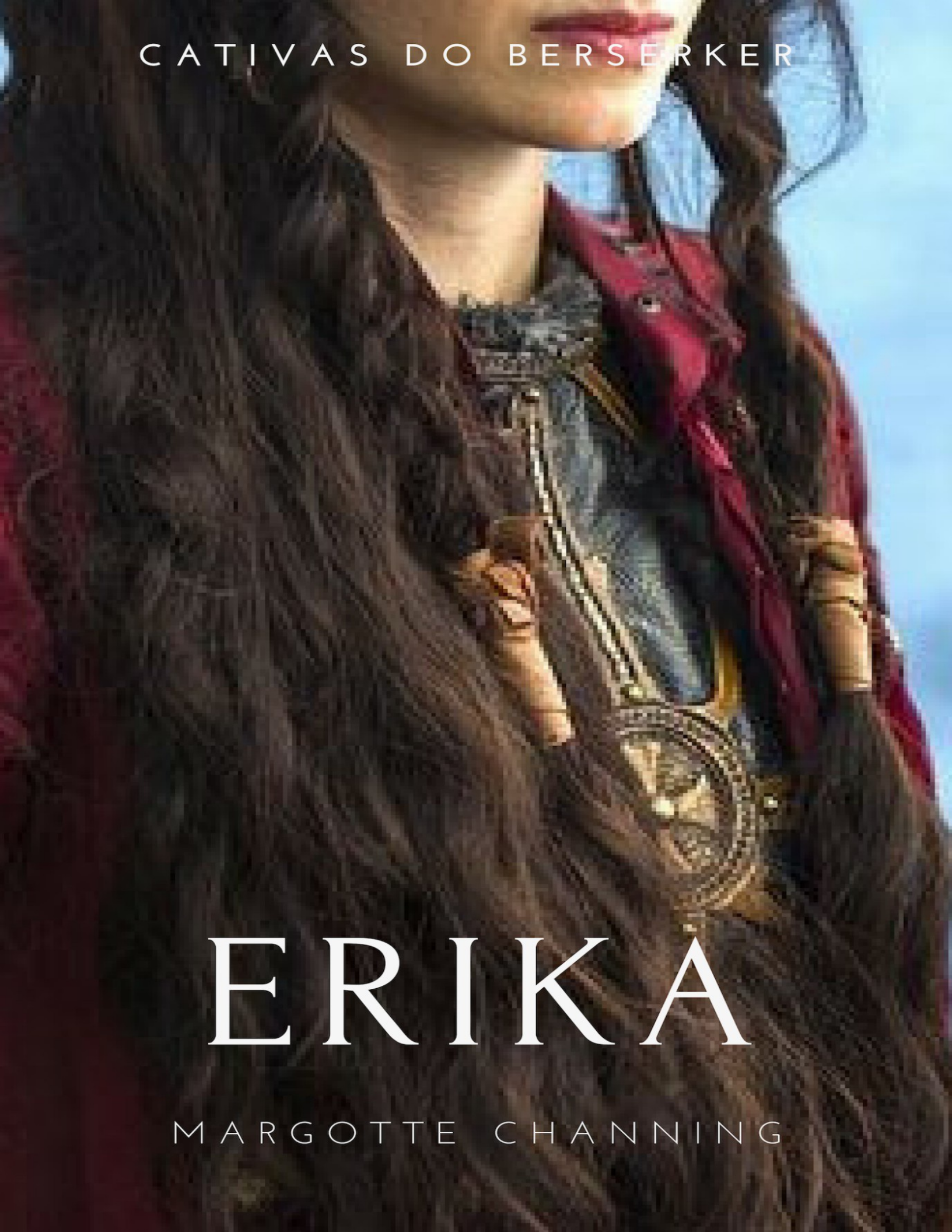


A close-up, low-angle shot of a woman's face and upper torso. She has long, dark, wavy hair and is wearing a dark, textured jacket over a red garment. Her hands are visible, holding a small, ornate object. The background is a bright blue sky with some clouds.

CATIVAS DO BERSERKER

ERIKA

MARGOTTE CHANNING



ERIKA

(Cativas do Berserker 02)

Margotte Channing





SINOPSE

Ano 1112. Erika está celebrando seu compromisso quando eles se veem pela primeira vez. Seus olhares ficam enlaçados deixando de existir todo o resto. Ela não conseguiu deixar de observá-lo, embora pense que ele é um gigante estrangeiro, violento e mal educado. Hrolf sabe que ela lhe pertence desde o primeiro momento. Ela acredita que ele é selvagem e perigoso, e é a verdade, como, também, é que ele fará o que for preciso para consegui-la. Ele esteve procurando-a por toda sua vida, e não sabia disso, até que se perdeu em seus olhos violetas. Só na sua presença o berserker¹ parou de gritar de agonia. Ela é a única para ele. Sim, ela é e será dele. Para sempre.



CAPÍTULO I

Irlanda, ano 1112.

Hrolf era o chefe dos *vikings* cujos navios estavam chegando à praia para ajudar Alexis Hasink, o grande rei irlandês. Atendia desta maneira, à petição de ajuda que seu amigo o rei, lhe fizera, duas semanas atrás.

O mar estava enfurecido, mas era assim que mais gostava. O céu se obscureceu e cintilou um raio, uma assustadora linha chapeada, como se um de seus deuses vikings o tivesse produzido para iluminar seus protegidos. Recordou-se que, segundo a lenda, Odín produzia seus raios, quando cavalgava pelos céus com seu cavalo negro, *Sefir*, e sua biga, e dessa maneira iniciava as tormentas.

Estava de pé, ereto e imponente, parecia um gigante contra o vento, com uma bota firmemente apoiada na proa de seu *drakkar*². O vento lhe alvoroçava o cabelo dourado, seus traços duramente esculpidos, não eram belos. Sua maior atração eram os olhos, de um ardente azul cobalto, que

transmitiam uma feroz determinação. Sua boca, larga e sensual, pouco dada a sorrir, formava uma linha reta enquanto contemplava a costa. Usava bem recortados a barba e o bigode, e a pele era bronzeada. Sua roupa era como a de seus homens, não precisava usar roupa fina para ostentar uma nobreza que não possuía. Somente com sua estatura e a ferocidade que emanavam dele, fazia tremer a todos os seus inimigos. Sua figura, assustadora e impressionante, para homens e mulheres por igual, estava dotada de um extraordinário poder nos músculos dos ombros e o peito. Suas pernas, firmes sobre o navio balançando por causa da tempestade, eram fortes como o aço depois de anos de sulcar os mares, cavalgar, correr, lutar e cometer as peripécias próprias de um viking.

Ele sempre lutava por um salário, seu pequeno exército de mercenários, contratado por reis e comandantes, ele ajudava a conquistar terras ou reinos. Depois, cobrava e partia. Este era o último trabalho. Havia se afastado meses atrás, para sua granja, em Vinland, mas Alexis, o rei, havia mandado uma carta lhe pedindo ajuda e, devido aos favores recebidos por ele, anos atrás, não teve mais remédio do que acudir. Por isto estava ali, decidido a ajudar a seu amigo, e, depois, voltar para sua terra e procurar uma mulher ou mulheres, que lhe dessem filhos e lhe ajudassem a encontrar a paz.

Quando o drakkar estava chegando à praia, saltou à água sem aviso, seguido pelos gritos emocionados de seus homens, que começaram a segui-lo. Lançou uma olhada a sua esquerda, para ver se o drakkar de Beothuk, seu irmão, que sempre lutava com ele, havia chegado. Estava um pouco mais longe do

que o seu, por isso ele começou a avançar até a terra, forçando à água a abrir-se a sua passagem, e cruzando cutiladas de espada contra seus adversários, que haviam entrado na água para enfrentá-lo.

Jamais lutava como uma fera raivosa, pois sabia que o maior perigo do *berserker* seria perder a razão. Já havia visto morrer muitos que eram como ele, porque cediam à transformação. Por isso, jamais permitia que a fúria dominasse seu braço armado ou que o impulsionasse a atuar com muita temeridade. Combateu, frio e implacável matando um homem atrás do outro. Os defensores combatiam corajosamente, e no meio da matança, pensou, fugazmente, que aquilo era uma lamentável perda de vidas e de forças.

Havia poucos guerreiros profissionais ali, certamente seriam agricultores e artesãos recrutados por um mísero pagamento para que lutassem contra o rei. A maioria lutava com lanças, enxadas e qualquer coisa que tivessem conseguido encontrar.

Morriam rapidamente, e o sangue deles alimentava a terra. Cada vez os vikings avançavam mais, enquanto os rebeldes caíam mortos, sem conseguir frear seu avanço.

Os gritos não cessavam vindos do lombo de um cavalo castanho que fora arrebatado de um homem caído, Hrolf levantou sua espada, e lançou um arrepiante grito de guerra. Um raio rasgou o céu e começou a chover.

Embora os homens escorregassem no lodo, a batalha não cessou. Hrolf esporeou o cavalo e se dirigiu às portas da cidadela próxima à praia, que devia conquistar. Sabia que seus

homens lhe seguiam, que haviam desembarcado dos seis drakkars, que já estavam estados ancorados perto da areia. Às portas da muralha que rodeava a cidadela, se escutava a preparação nas muralhas para acabar com eles. Impassível ele ordenou que fossem ao navio para buscar um aríete³. Apesar das flechas que voavam a seu redor e o azeite quente que era jogado neles, não demoraram em romper os portões, então, os vikings entraram em turba na cidade. Estava preparando-se para galopar até o castelo que despontava sobre uma pequena colina, quando um grito lhe arrepiou os cabelos:

— Hrolf! Volte! É Beothuk! – Bjarni, seu segundo no comando, possuía ordens de sempre esperar que Beothuk desembarcasse, e, depois, que lhe cobrisse as costas até que chegassem junto dele. Ele, como chefe, não podia estar preocupado com seu irmão na batalha. Deu a volta com o cavalo, com o coração lhe pulsando na boca, e galopou como louco para voltar à praia. Bjarni lhe assinalou um grupo de homens cercando seu irmão.

— Por que não está ajudando-o? – Ele rugiu Bjarni lhe olhou triste Hrolf se surpreendeu ao ver seus olhos úmidos.

— O *berserker* o possuiu, note, os que o rodeiam são nossos homens, já matou a vários — Bjarni limpou uma lágrima traidora, que lhe corria pela face. Hrolf não acreditava, não podia ser ele, era mais velho do que Beothuk, não podia ocorrer a ele antes. Desceu do cavalo e correu para seu irmão mais novo. Os homens possuíam instruções de, que, se a posse ocorresse, deveriam matar o possuído com a maior rapidez e limpeza possível. Mas ele havia dado essas ordens pensando

nele mesmo, nunca em seu irmão.

Correu como um louco, mas enquanto o fazia, uma flecha traiçoeira se alojou no peito de Beothuk. Hrolf gritou lançando-se contra eles, que abriram espaço para deixá-lo passar, todos conheciam o profundo carinho que sentiam os irmãos entre si. Retiraram-se assustados, não saberiam o que fazer se também ocorresse a Hrolf, sendo o líder deles na batalha.

Ajoelhou-se diante dele, seu irmão o olhava, respirando já lentamente, a ferida do peito sangrando, incontrolável.

— Irmão — sussurrou com esforço — ao menos estou lúcido para me despedir de você — ele apertou sua mão — fazia tempo que eu sentia a escuridão avançar em meu interior. Esperarei você no *Valhalla*⁴ — fechou os olhos e voltou a abri-los com esforço para pedir — jure... — ele suplicou.

— O que você quiser, — apertava a mão dele com força, como se com isso pudesse evitar que se fosse.

— Que fará o que for preciso para não terminar assim, procure àquele *jarl*⁵ da Groenlândia de que ouvimos falar, veja-o e questione.

— Farei isto — assegurou.

— Jure e se não cumprir, que nossos espíritos não voltem a se encontrar — a vida dele se esgotava.

— Juro meu irmão — Beothuk, o sorridente, como era chamado entre todos os que o conheciam, mostrou seu sorriso pela última vez e morreu. Hrolf lançou um lamento que recordou a todos os que o escutaram, o de um lobo solitário ao qual tivessem arrancado a coisa mais desejada.

Depois daquilo, não se recordava muito mais, somente

que Bjarni se encarregou de que levassem o cadáver de seu irmão ao navio, e que ele voltou a montar e a empunhar sua espada. Embora se sentisse como se não estivesse dentro de seu corpo, como se ele também tivesse morrido.



Horas depois da vitória, o rei chegara ao acampamento. Hrolf estava sentado na praia, bebendo hidromel, enquanto tentava esquecer-se de tudo, incluindo o aroma de sangue e morte que havia no ar. Olhava o mar que o separava de sua terra, onde ao amanhecer, lançariam uma balsa de troncos que seus homens estavam fabricando, e que levaria o cadáver de seu irmão em sua última viagem. Quando a jogassem ao mar, queimariam, para assegurar uma viagem rápida ao paraíso viking. Seu irmão, o melhor homem dos dois, havia morrido. Precisava aceitar, e encontrar um modo de continuar vivendo.

— Finalmente o encontro!

Ele olhou para o rei, mas não gostou de levantar-se, devia estar muito bêbado porque lhe pareceu certo ficar sentado na areia, com a pele de hidromel na mão.

— Olá Alexis — o monarca, olhou-o com tristeza, e, surpreendentemente, sentou-se junto a ele. Era um homem rechonchudo, baixinho e de quarenta anos. Apesar de serem tão diferentes, ou precisamente por isso, eram amigos. Acomodou-se junto a ele e lhe pediu a pele com um gesto da mão. Bebeu um gole antes de continuar.

— Sinto muito Hrolf, era um bom homem.

— Sim, era. — Seu coração sangrava, sentia uma dor estranha nele, como nunca havia sentido.

— Se precisar de algo... — ele negou com a cabeça, agora sua decisão de voltar para suas terras e empreender sua nova vida, não parecia ter sentido. Não sabia aonde ir, nem o que fazer. Possivelmente talvez devessem queimá-lo na balsa com ele.

— Soube por Bjarni que lhe fez um pedido antes de morrer.

— Sim, estava preocupado comigo, inclusive enquanto morria — olhou-o e o rei pareceu ter visto uma umidade suspeita nos olhos, possivelmente uma sombra — nós escutamos, faz alguns meses, falar de um *berserker* que conseguiu dobrar à besta, me fez jurar que o procuraria. Disseram que ele se casou que possui filhos e que se tornou pacífico — inesperadamente, o rei começou a rir ao escutá-lo.

— Não acredito que ele goste que o chamem de pacífico.

Hrolf franziu o cenho.

— Conhece-o? Pensei que era uma lenda. — Ele nunca acreditara no que lhes contaram naquele dia, mas não disse nada para seu irmão para que ele não se desiludisse.

— Sim, e também a família dele. Tudo o que lhe contaram, e mais ainda, é verdade. Está falando de Erik da Groenlândia.

Hrolf deixou cair a pele na areia, assombrado, enquanto escutava com atenção a história de Erik.



CAPÍTULO II

Granja Brattahild, ano 1112.

Erik olhava a seu redor, satisfeito, todos pareciam divertir-se. Embora a princípio tivesse parecido que os cinquenta convidados não caberiam no salão, ali estavam, todos sentados e comendo. E fazendo a gritaria que só os vikings armavam em uma festa. Só faltava que sua mulher, finalmente, viesse sentar-se em seu lugar, junto a ele. Procurou com o olhar por todo o salão, até que a localizou falando com os pais do noivo, de pé junto à mesa onde eles estavam sentados. Ao lado dela estava sua querida filha Erika, a menina de seus olhos, aquela que em poucos dias ele veria partir de sua casa. Seu coração, que muitos pensavam que ele não possuía, encolhia-se só de pensar naquilo.

Vendo-as juntas ninguém diria que eram mãe e filha. Yvette, sua esposa já há vinte e um anos, possuía a mesma aparência de quando ele a conheceu. Ela notou seu olhar e o observou, durante um momento, sorridente, disse algumas

palavras à família do noivo, e se aproximou dele, depois de acariciar com carinho a cabeça de sua filha.

— Está com uma cara zangada, estamos celebrando o compromisso de nossa filha Eric — ele negou com a cabeça, não era aborrecimento, ele estava preocupado. Ela se sentou com um suspiro, jogando sua trança negra para trás, olhando-o atentamente com seus olhos violetas. Erik estava olhando outra vez para sua filha, que falava com o noivo, Siward. Yvette aproveitou para observá-lo, continuava igualmente musculoso e estava tão ereto quanto sempre, apesar de sua idade. Em seu cabelo vermelho quase não havia falhas, e continuava usando-o comprido para agradá-la, pois ela sempre se sentia encantada. Em volta de seus intensos olhos azuis de *berserker*, com o tempo, formaram-se algumas finas rugas, sobretudo pela risada. Ela também as possuía, os vinte anos que haviam vivido juntos, se passaram como um suspiro, entre risadas, e brigas, que aos dois adoravam terminar com uma reconciliação no dormitório.

— Onde estão os meninos? — Erik estava com o cenho franzido, mau sinal.

— Foram caçar.

— Deveriam estar aqui, já os adverti que não chegassem tarde — parou de falar ao escutar algumas gargalhadas na entrada do salão. Yvette, ao ver a expressão de seu marido, inclinou-se tocando brandamente no antebraço dele.

— Erik, por favor, estamos em celebração, pense na Erika — ele a olhou, os olhos soltando faíscas, mas assentiu, com a mandíbula cerrada. Havia muita gente estranha no salão,

senão, nada os teria salvado de ouvir os gritos dele.

Os três irmãos se sentaram em uma mesa que estava livre ao fundo, rindo e conversando. Rongvald, o mais tranquilo, costumava ter o nariz metido nos livros, levantou-se para saudá-los. Aproximou-se de sua mãe para lhe dar um beijo na bochecha, ela sorriu e lhe fez um gesto para que ele se aproximasse também de seu pai.

— Olá pai — já não havia maneira que trocassem um beijo, Yvette suspirou recordando-se dos tempos, quando seus filhos ainda eram crianças, e se abraçavam a seu pai, sem nenhum tipo de vergonha. Agora se saudavam como o restante dos homens, agarrando-se fortemente pelo antebraço.

— Olá filho, chegou tarde. — Rognvald assentiu.

— Sim, sinto muito. Tive um problema com o Thor, Erika me pediu que o levasse para dar um passeio, mas já sabe como ele fica, quando é montado por qualquer um que não seja ela.

Erik sorriu, achava engraçado que aquele maldito cavalo derrubasse seus filhos quando tentavam montar, e, entretanto, ficava como um cordeirinho com sua filha.

— Derrubou você? — ele se continha para não gargalhar, mas seu filho o aceitou sem mostrar vergonha.

— Sim pai, — encolheu os ombros — Ragnar precisou sair atrás dele, porque o desgraçado saiu galopando, contente de estar no campo. Felizmente conseguiu agarrá-lo, senão Erika nos mataria.

— Sua irmã seria incapaz de fazer algo a vocês, ama-os muito, — seus olhos se voltaram sobre sua filha, que agora estava falando com os irmãos.

— Ora, realmente o que nos dava medo era você, se Erika sofresse pelo cavalo, todos sabemos que você nos arrancaria a pele — Rognvald era o mais tranquilo, mas também o único de seus filhos, igualmente a Erika, que se atrevia a dizer a seu pai a verdade nua e crua.

— É verdade, lhes teria arrancado à pele. — Yvette os olhava zombeteira, todos conheciam sua debilidade, mas era estranho que ele a reconhecesse.

— O que acontece com vocês? Não sentem fome? — Erik sorriu ao ver que sua filha se sentava em seu lugar habitual. Em sua mesa junto a sua mãe e em frente a ele.

— Logo os verei, — Rognvald foi se sentar com seus irmãos, já eram maiores e preferiam não se sentar à mesa com seus pais, assim podiam falar sobre o que quisessem.

Erika ofereceu a seus pais o prato do pão que uma serviçal havia trazido. Possuía uma estatura pequena, como sua mãe, e o cabelo, igual ao dela, era negro com reflexos azulados, os olhos, também eram violetas. E aí terminava a semelhança, seus traços não eram tão delicados quanto os dela, seus olhos eram maiores, as maçãs do rosto salientes delatavam sua ascendência viking, assim como sua forte mandíbula, que, sem deixar de ser feminina, era mais quadrada, parecida com a de seu pai.

Erik desde que ela nasceu, havia sentido uma conexão especial com ela, algo que não havia sentido com nenhum de seus filhos varões. Amava-os com todo seu coração, mas ela, apesar de ser mulher, era a que tinha o caráter mais parecido ao dele. Desde pequena, dispensou mais vontade em aprender

a cavalgar, e a lutar, do que quando sua mãe lhe ensinava a administrar a casa. Ao final precisou aprender, quando se tornou mais velha, mas seu pai, às escondidas, continuou ensinando-a a manejar a espada, o escudo e a proteger-se com uma adaga. Embora ela sempre gostasse, mais do que qualquer coisa: cavalgar.

Erik passara vários anos rechaçando pretendentes que queriam se casar com ela. Desde que ela completara quatorze anos, uma idade em que as mulheres de sua terra costumavam se casar. Ele havia conseguido atrasar o fato até agora, mas finalmente, precisara decidir-se por um deles. Sua filha queria se casar, gostava muito de crianças, e queria ter filhos próprios.

Mas se sentia como se, como pai, tivesse falhado, ao saber que sua filha não conheceria a felicidade que sua esposa e ele conheceram. O eleito por ela, Siward, era um homem que não a faria feliz, e todos sabiam. Erika sentia carinho por ele, mas não sentia paixão, qualquer um podia ver. Erik pensava que ela se arrependeria daquele matrimônio em poucos meses, talvez em poucas semanas, mas ele havia falado várias vezes com ela, e não conseguira que ela anulasse o compromisso.

— Filha, vai continuar frequentando a escola? – Erika assentiu, esperou até engolir um pedaço de pão antes de continuar, seus olhos brilhavam emocionados diante da proximidade de seu casamento.

— Sim mãe, estarei bem perto, virei todos os dias. Se algum dia eu não conseguir eu direi para Marianus, mas, de momento, quero continuar ensinando.

As duas ajudavam o frade nas aulas que ele dava na escola que criara na granja, e onde se ensinava religião, a leitura e a escrita. Erik cedera uma parte de terreno muito perto da casa grande, onde construía uma escola e uma cabana para que ele vivesse. Ali se dava aula a todas as crianças que quisessem ir, por enquanto os filhos dos amigos, ou vizinhos. Custara muito convencê-los que deixassem as crianças estudar, já que isso significava menos mãos para ajudar nas granjas, mas Erik era muito respeitado. E graças a ele, a escola sempre estava cheia.

Marianus era o frade que acolhera Yvette em sua casa quando a mãe dela havia morrido, e, de onde foi sequestrada pelo irmão de Erik. Eles se conheceram dessa maneira, e agora, parecia mentira que aquele selvagem, que ela conhecera tantos anos atrás, fosse seu marido.

— Mãe, como é que Marianus não veio? — Yvette franziu o cenho, estava preocupada.

— Está de cama, — notou o sobressalto de sua filha — não se preocupe, é só que pegou muito frio, mas é muito forte, por mais velho que seja continua se levantando ao amanhecer. Apesar de eu ter lhe pedido que venha vive na casa conosco, nega-se a fazer. Menos mal que vou todos os dias para vê-lo, se não fosse assim não teria sido informada da enfermidade dele. Se ele continuar piorando, diga o que disser traremos ele a casa Erick.

— Não se preocupe mulher, ele enterrará a todos — grunhiu. O frade era um dos poucos que questionavam sua autoridade, Erick não lhe desejava nenhum mal, mas

tampouco queria vê-lo todo o dia por ali, dando sua opinião sobre tudo.

— Como é que não está sentada com seu prometido? — Yvette sorriu para sua filha.

— Breve terei muitos anos para jantar com ele. Prefiro fazer com vocês — Erik assentiu lhe dando a razão e Yvette sorriu, vendo seu marido babar por sua filha.

— Há quatro homens na porta que querem falar com você — Jensen, seu segundo no comando, também estava convidado para o jantar. Levantou-se estranhando, todos os seus amigos e vizinhos estavam na celebração desta noite, não imaginava quem poderia ser.

Erik impunha-se mais ainda ao se levantar, sua túnica sem mangas deixava ver seus braços e seu torso musculoso. As calças de pele, ajustadas, moldavam suas fortes pernas. Ultrapassava um pouco em estatura ao Jensen, que também era muito alto.

— Conhece-os? — O homem negou com a cabeça.

— Não, são estrangeiros, falam nosso idioma, mas com um sotaque estranho, nunca havia escutado.

— Está bem, vamos lá fora, se não forem perigosos, os convidarei para jantar. Hoje é um dia de alegria, — observou que seus filhos já não estavam à mesa, certamente haviam se levantado para ver quem eram os visitantes. E conhecendo, sobretudo a seu filho Ragnar, estranharia que não houvesse problemas. Saíram à entrada da moradia. Como ele imaginava, Ragnar estava provocando os estrangeiros, apesar de que Rognvald tentava afastá-lo. Estava com a idade em que só se é

feliz, encontrando uma boa briga. Era muito jovem ainda, Erik se adiantou com um par de passadas.

— Ragnar, volte ao salão. — Ele não fez conta, é obvio. Então se aproximou mais e o agarrou pelo pescoço, como um lobo adulto segura seu filhote, com carinho, mas com decisão, e o afastou. Seu filho o olhou zangado, os olhos azuis refulgindo, mas Erik manteve o olhar, para que ele visse seus próprios olhos. Isso fez que todos se fossem dali murmurando. Cada dia lhe custava mais controlá-los. Sorriu para Jensen, que soltou uma risada, baixinho. Os dois sabiam que Ragnar, entre os rapazes, era o que mais se parecia com Erik. Finalmente conseguiu dedicar toda sua atenção aos estranhos que permaneciam estranhamente silenciosos, à entrada.

Pelo aspecto deles pareciam recém-chegados de uma longa viagem, e, antes disso, de alguma batalha. Usavam adagas e espadas, penduradas na cintura. Calçavam botas estranhas que ele não se recordava ter visto antes, amarradas com cordas de pele, dos tornozelos até os joelhos. Seus corpos estavam cobertos por capas curtas de pele de foca, embora tratadas de maneira, que fazia com que a pele fosse muito macia.

Olhou o rosto de quem estava em frente a ele. Observava-o sem falar, esperando. Era ainda maior que ele, loiro, com barba, o cabelo muito comprido, e olhos azuis. Quando viu seus olhos, estranhou, era um *berserker*, fazia muito que não via um deles fora de sua família, é claro. Entre eles se reconheciam, esticou o braço para uma saudação entre homens.

— Sou Erik. E você? — O desconhecido pareceu surpreso

de que ele lhe desse as boas vindas.

— Hrolf. Precisamos falar com você — ele assinalou para seus silenciosos companheiros — ouvimos sobre você faz muito tempo, viemos da Irlanda, embora vivamos em Vinland, ao outro lado do mar. — Erik assentiu, já imaginava o que eles queriam saber. Era o único *berserker* com sua idade, que vivia, todos os outros enlouqueceram e precisavam matá-los, ou deixar que se convertessem em assassinos incontroláveis.

— Erik, — ele se voltou ao escutar a voz de Yvette com o cenho franzido, não queria que ela se deparasse com os estrangeiros, sem saber se eles eram perigosos. Quando viu sua filha, zangou-se ainda mais. Por isso falou com dureza:

— Voltem para dentro! — Sua filha olhava para Hrolf como se estivesse hipnotizada. Deu uma passada até elas, zangado, mas Yvette já pegara sua filha pelo braço e a levava.

Hrolf manteve o olhar em Erika até que ela desapareceu, depois voltou o olhar para ele. Seus olhos, de repente, estavam cheios de vida.

— Possui uma formosa filha.

Erik a cada momento se zangava mais.

— Está prometida, — disse-lhe. Sua voz soou rouca e ameaçadora, mas aquele homem parecia não ser afetado com seu tom de voz, ao contrário de outros.

— Não está casada? Que idade ela tem? — Era estranho, em sua terra ela estaria casada fazia tempo.

— Dezesseis — ele respondeu —, mas ela está prometida, estamos celebrando seu compromisso.

— Entendo, — ele voltou a olhar o lugar por onde se foi a

mulher mais bela que ele havia visto, — mas um compromisso não é um matrimônio.

— Não, — Erick sorriu ao ver o seguro de si mesmo que o rapaz estava. Ele também havia sido assim, e ainda mais quando conheceu sua Yvette. — Não é o mesmo, mas eles se casam em algumas semanas, — aventurou a dizer, embora ainda não soubesse a data exata.

De repente, para Erik, pareceu que aquela visita era obra do destino, começava a desejar ter uma conversa com aquele *berserker* a sós.

— Se querem passar a casa, precisam entrar desarmados, — ninguém disse nada, Hrolf foi o primeiro que começou a deixar suas armas em um canto na entrada, Erik fez um sinal para Jensen, para que as guardasse. Quando todos estavam desarmados, convidou-os a entrar.

— Devem jantar, estão convidados à festa do compromisso de minha filha Erika, — duas serviçais avisadas por Jensen, levaram as armas e as capas. — Sejam bem-vindos a minha casa. Depois elas arrumarão um lugar para dormir, e amanhã, falaremos. — Hrolf assentiu e tanto ele quanto os outros, lavaram as mãos e o rosto no recipiente trazido por outras duas serviçais.

Um anfitrião estava obrigado, segundo as regras da hospitalidade viking, a receber o visitante oferecendo um bom fogo para que se esquentassem, comida, água e uma toalha para assear-se. Quando todos estavam um pouco mais apresentáveis, Erik iniciou o caminho sendo seguido por eles.

Era também habitual que, o de mais alto status,

compartilhasse a mesa com eles, por isso esperava que sua filha se retirasse logo, como era seu costume. Preferia deitar-se cedo para levantar-se logo. Disse para Hrolf que o seguisse, depois de deixar seus companheiros em uma mesa livre, a mais afastada de seus filhos, não sentia vontade de precisar dar algum bofetão em Ragnar. Seus filhos já eram muito crescidos para ter que castigá-los assim, mas seu filho às vezes não atendia suas razões.

— Apresento-lhes Hrolf, ele jantará conosco, — Yvette e Erika assentiram com os olhos muito abertos. Não era muito habitual que houvesse visitantes estrangeiros, estavam muito afastados de tudo. Yvette, a quem Jensen já havia avisado, encarregou-se de que tivesse comida e bebida o esperando.

— Obrigado, fazia muitos dias que não comíamos algo quente. Agradecemos — ele disse isso sério. As mulheres se olharam estranhando, elas haviam suposto que eles vinham do norte, mas da Groenlândia. Erik, entretanto, suspeitava que eles viessem de navio, o aspecto deles os delatava. O nome lhe era desconhecido, Vinland, não era desse país. Erika foi a que perguntou:

— De onde vocês veem?

Ele a olhou alguns minutos intermináveis antes de responder, aquele homem parecia que não sorria nunca.

— Da Irlanda, depois de lutar com o rei Alexis — ele se voltou para Erik, — ele me confirmou que você existia — depois, como se não pudesse evitar, voltou a olhar para ela. Nunca vira ninguém igual. No fundo de seus olhos pareciam ter se aconchegado duas estrelas, e ela sorria continuamente,

esquentando seu coração. Nenhuma mulher, nem ninguém, exceto, possivelmente, seu irmão algumas vezes, conseguira fazer isso. Ao ver como todos o olhavam, esperando que continuasse sua explicação, continuou, apesar de que o que realmente queria, era contemplá-la por toda a noite – mas, na realidade, procedemos de Vinland, perto de Markland, está do outro lado do mar, a uma semana de distância – elas o olharam assombradas. Aquela terra, era desconhecida para elas, não conheciam ninguém que viesse de tão longe.

Erika baixou o olhar incapaz de aguentar o olhar daqueles olhos famintos, parecia que lhe transpassavam a alma. Começou a remexer a comida do prato. Quando voltou a olhá-lo, ele comia, mas olhando para ela, Erik e Yvette se olharam reconhecendo a situação. A história se repetia.

Hrolf parou de falar, preferia escutá-la falar e observá-la. Quando escutou sua voz pela primeira vez, algo dentro dele que sempre estivera gritando de agonia se acalmou. Começou a comer, porque seu estômago pedia comida aos gritos, mas o fez sem afastar os olhos dela. Não podia, não o faria nunca enquanto vivesse.



CAPÍTULO III

Erik observou durante o jantar como aquele homem se comportava frente a sua filha, embora o que mais chamava a atenção era que, sua filha tagarela, que sempre possuía algo a dizer, não abrisse a boca, e, praticamente não levantasse os olhos do prato. Erik, ao ver como eles se comportavam, terminou o mais rápido possível de comer, e, assim que viu que seu convidado fazia o mesmo, convidou-o a acompanhá-lo até o salão da família. Decidiu ter o quanto antes possível essa conversa, não esperaria o dia seguinte. Hrolf se levantou sério, e ficou um momento, em silêncio, olhando para Erika que também o olhava, totalmente ruborizada.

— Muito obrigado pelo jantar, foi um prazer conhecê-las — Pareceu se esforçar para ser educado. Yvette agradeceu as palavras, já que Erika não parecia capaz. O homem finalmente seguiu Erik. Yvette se voltou para sua filha, assim que soube que não a escutariam:

— Mas o que está acontecendo? Você está acostumada aos convidados, nunca a tinha visto ficar assim. — Sua filha

encolheu os ombros, enquanto observava aquele estranho partir. Sua mãe estava certa, mas não lhe diria que não havia conseguido afastar o olhar dele, desde que o havia visto. Era como se o olhar dele, quando estava fixo nela, esquentasse-a por dentro. Yvette segurou-a pela mão, quando olhou o porquê, e se deu conta de que estivera desfazendo, inconscientemente, seu pedaço de pão.

— Quem é ele mãe? — Ela precisava saber, gostaria que ele já houvesse retornado. Então ela tentaria falar com ele e não ficar muda e envergonhada como antes.

— Não sei, — ela encolheu os ombros, — até hoje não o havíamos visto. — Erika voltou a olhar à entrada da sala, esperando a volta dele.



Erik lhe ofereceu uma taça de hidromel e o convidou para se sentar em frente ao fogo, a seu lado. Essa sala, menor do que a comunal onde estiveram jantando, era onde ele estava acostumado a comer e passar os momentos livres com a família, jogando Halatafi⁶, lendo, ou simplesmente conversando.

Preferia falar com ele a sós, para poder avaliá-lo bem, era um bom juiz e costumava saber se lhe mentiam ou não, rapidamente. Hrolf bebeu um pouco, e o olhou de frente, ousado, como ele teria feito na mesma situação e com muitos anos menos.

— Viemos para vê-lo, porque você é o único *berserker*, que

sabemos, estar vivo com sua idade, e que, além disso, leva uma vida normal. Em nosso assentamento, todos os que apareceram que eu me lembre, morreram loucos, ou precisamos matar como se fossem animais raivosos, — calouse, observando a taça, tentando explicar o que lhe carcomia a alma, — faz alguns dias, eu vi morrer meu irmão caçula, pelas mãos de meus próprios homens. Ele se transformou, e havia matado vários de nossos guerreiros, — olhou-o de frente — meu irmão era um homem bom, amável, sempre sorridente, mas me disse que fazia tempo que notava a escuridão avançar em seu interior. Eu também começo a senti-la. — Erik via um *berserker* excepcionalmente forte naquele homem.

— Sempre ouvimos dizer que é uma maldição, e que não podemos fazer nada contra ela, mas um comerciante que veio a minha granja para vender peles de foca faz algumas semanas, falou-nos de você. Ele se chama Gerd, disse-nos que veio com seu grupo da Noruega, e que havia conseguido vencer à besta, e viver feliz com sua família, — olhou para Erik com o cenho franzido, tentando adivinhar se ele lhe diria a verdade ou não.

— Pouco depois da morte de Beothuk, quando vi o rei, falou-me de você e disse que o conhecia. Ele nos disse onde exatamente você vivia. — Erik sorriu.

— Sim, conhecemo-nos, por ser rei, ele não é muito mau, temos trocado alguns favores — Hrolf assentiu e voltou a beber.

— Eu precisava saber se era verdade, não só por mim. Jurei para meu irmão, que faria todo o possível para levar uma vida normal — olhou-o com ferocidade, esperando sua resposta, mas desconfiando. Erik conhecia aquela sensação. A

desconfiança, de todos e de tudo, era algo que acompanhava o *berserker*.

— E você quer saber qual é o segredo, — esvaziou seu copo e ficou olhando-o com um sorriso irônico.

— Sim, meus três amigos também são *berserkers*. Decidiram me acompanhar, se existir alguma maneira de dominar o espírito que carregamos dentro de nós, necessitamos que nos diga isso.

Voltou a observá-lo durante alguns momentos, ninguém, que não fosse sua família, sabia exatamente o ocorrido. É claro, os que o conheciam há tantos anos sabiam o que ele era e que vivia como um homem normal, mas nada mais. Seus filhos, também eram *berserkers*, um mais precoce do que os outros, por isso, explicara-lhe o que aconteceria, e como combatê-lo. Observou Hrolf atentamente, ele possuía a mandíbula quadrada, o cabelo penteado com tranças, e um olhar azul gelo, embora, agora mesmo, não houvesse nenhum sinal do *berserker*. Finalmente, pensou o quanto teria agradecido, se alguém lhe tivesse explicado o que precisou aprender por si próprio. Além de que, por seus próprios motivos, alegrava-se de que ele tivesse aparecido neste momento, em sua casa.

— É o primeiro, que não é de minha família, que me pergunta como eu consegui. A verdade é que, desde que deixei meus ataques para conseguir riquezas ou mulheres para o assentamento, não encontrei mais *berserkers*.

— Exceto seus filhos — Erik o olhou surpreso, e se ergueu na cadeira. Não se dando conta de que ele tivesse notado. Mas assentiu, seus filhos eram seu orgulho, nada que procedesse

deles era motivo de vergonha, e menos ainda, que fossem *berserkers* como ele. Então, começou sua história:

— Faz vinte anos, vim para esta terra, e me acompanharam cem pessoas procedentes da Noruega. Lá, nos dois últimos anos, muitos haviam morrido de fome, o clima havia mudado, e os cultivos não eram suficientes para todos. Decidi me dirigir para outras terras, e, por acaso, descobrimos esta. Mas a maior parte dos que vieram eram homens, faltavam muitas mulheres, o que fazia que tivéssemos muitos problemas entre nós — suspirou recordando as brigas selvagens as quais precisava mediar, em diversas ocasiões entre irmãos, pela mesma mulher.

— Alguns meses depois de nos estabelecer, decidimos fazer uma incursão na Islândia, tínhamos ouvido que havia vários assentamentos lá. A maior parte eram granjeiros, não havia soldados, e me haviam dito que havia muitas mulheres, solteiras e viúvas — olhou o fogo, se recordando.

— Fazia muito tempo, antes de sair da Noruega, que eu sentia a escuridão ocupando pouco a pouco meu coração. Tenho certeza de que você sabe a que eu me refiro — Hrolf, depois de hesitar um momento, assentiu. — Desde pequeno, não me lembrava de ter sentido carinho por ninguém. Eu era capaz somente de sentir ódio e fúria, uma fúria tão intensa que eu acreditava, às vezes, que me consumiria, e desejo, é claro. Não me recordo de nenhuma outra emoção que tenha sentido por outro ser humano. Nunca.

Hrolf assentiu reconhecendo seus próprios sentimentos. Exceto por seu irmão, nunca havia sentido nada por ninguém,

excetuando os sentimentos que seu anfitrião havia citado.

— Viajei com dois *drakkars*, íamos vinte homens no total, entre eles meu meio irmão, Ingvarr. Nunca nos demos bem, mas ele insistiu em vir da Noruega, eu nunca soube o porquê — disse Erik, recordando-se do ocorrido depois, torceu o cenho. Voltou a olhar para Hrolf que permanecia atento a cada palavra, — apesar de que eu o havia proibido de sair do navio na Islândia, ele saiu e sequestrou uma mulher. Quando voltou ao navio, ele a carregava, discutimos, e fiquei com a mulher, como castigo. Nem sequer a olhei, até mais tarde, no camarote. Isto provocou mais problemas com Ingvarr, mas eu estava acostumado a tê-los, assim não voltaria atrás. Ele precisava de um castigo.

— Quando consegui olhá-la tranquilamente, a sós, senti algo que nunca havia sentido. Era como se o *berserker* houvesse se tranquilizado, sempre me parecera que ele estava sofrendo, como se gritasse de dor, até aquele momento. — Hrolf sentiu um calafrio porque o que estava sendo relatado era o mesmo que ele havia sentido um momento antes no salão, — eu sentia a escuridão cada vez mais perto, até que me uni completamente a ela. Era Yvette, minha esposa — como estava olhando-o fixamente, notou como Hrolf estremeceu ao escutá-lo. Ele continuou, — minha mulher estava destinada para mim, se não a tivesse encontrado minha besta não se acalmaria, e haveria enlouquecido como os outros.

— Quer dizer, que, se unir a uma mulher, é a solução? — Erik negou com a cabeça, antes que terminasse de falar.

— Não, não qualquer mulher. Existe somente uma para

cada *berserker*. Eu tive muitas mulheres em minha cama. Mas soube, somente ao vê-la, que ela era minha pelo destino. Era a única para mim.

— Ela sentiu o mesmo? — Erik sorriu divertido.

— Não, precisei convencê-la, e ao mesmo tempo controlar o *berserker* para que eu não a assustasse, mas inicialmente é muito difícil. Sente-se uma paixão inigualável, quando se vão passando os anos se acalma um pouco, mas nunca desaparece, apesar da idade. Quando chegam os filhos, é como se o círculo se fechasse.

— Compreendo. Então, recomenda-me que, se a encontrar, rapte-a como fez você? — Erik lhe lançou uma longa olhada antes de responder, sopesando a pergunta.

— Primeiro, recomendo que ela esteja de acordo, mas, se não for assim, e não tiver mais solução, faça o que seja necessário. Claro que vai depender se ela tem família ou não — olhou-o astutamente — Por que pergunta? Tem alguém em mente?

Hrolf se calou, sabia que não podia dizer o que pensava, pois seu anfitrião fora muito amável, e se perguntou por qual razão. Estava com a sensação de que Erick sabia o que ele havia sentido, ao ver sua filha.

— Deveríamos voltar à festa. Já lhe disse que estamos celebrando o compromisso de minha filha.

Hrolf ficou em pé, desejando voltar a vê-la, certamente o que havia sentido, era porque estivera muito tempo sem uma mulher.

Voltaram para o salão a tempo de ver como eram

afastadas as mesas e os bancos de madeira, para colocá-los junto às paredes, deixando um grande espaço no centro, ao redor da fogueira, para o canto e a dança. Quando os convidados os viram voltar, Jensen encabeçou e propuseram um brinde ao generoso anfitrião. Todos estavam tão felizes que certamente já haviam brindado pelos noivos em várias ocasiões.

O próximo brinde foi por um ano de boas colheitas, e pela paz. Depois, sobretudo os mais jovens, insistiram para que o baile fosse iniciado, Hrolf fez um gesto para Erik, para lhe dizer que se juntaria aos seus amigos, ele assentiu sorridente e se dirigiu até Yvette que o olhava, muito séria, ainda sentada à sua mesa. Por estar em cima de uma plataforma no fundo do salão, não atrapalhava os bailarinos. Sentou-se junto a ela, e esperou ela que falasse, mas ela continuava olhando o baile, sem lhe dar atenção. Ele franziu o cenho, fazia tempo que sua mulher não se zangava com ele, não acreditava ter feito nada, ultimamente, para merecê-lo. Tomou sua mão e lhe sussurrou:

— O que ocorre Yvette? — Ela o olhou com os olhos quase negros, quando mudavam para aquela cor, era melhor ter certeza de que não se era o culpado.

— Sei o que você está tramando, e não posso acreditar nisso. — Ele olhou-a assombrado.

— Não sei a que se refere.

— Estou certa de que não, — murmurou algo entre dentes, mas ele não conseguiu a escutá-la, — estou muito magoada com você Erik, iria dormir, mas é a festa de nossa filha, — Erik soltou a mão dela, olhando-a com o cenho franzido.

— Não sei o que lhe acontece nesta noite mulher — grunhiu mal humorado. Ela lhe lançou um olhar, e depois, olhou ao seu redor, para ter certeza de que ninguém podia escutá-la.

— Jure, por minha vida, que não está tramando algo com o convidado, para conseguir romper o compromisso de sua filha! — Ela fixou o olhar no rosto dele, desafiadora. Embora sussurrasse para que, somente ele a escutasse, foi como se ela desembainhasse a espada e o convidasse a lutar. Precisou morder a língua, para não responder a primeira coisa que lhe veio à cabeça. Tentou tranquilizá-la.

— Não sei de onde...

— Pedi que jure por minha vida! Conheço você como a mim mesma, sei o que pensou somente ao observá-lo. Nunca gostou de Siward. — Ele olhou-a com o cenho franzido, começando a se zangar, embora tudo fosse verdade. Ela sabia que ele nunca juraria pela vida dela, pois para ele era a coisa mais preciosa do mundo.

— Está bem! Maldita seja! Mas não estivemos tramando nada, — ele sussurrou. — Ele é um *berserker*, e queria saber o que deve fazer para conseguir controlar à besta.

— Não o haverá dito! — Ela o olhava como se ele tivesse cometido algum delito, digno de que o julgassem no *PING*, nas reuniões do conselho para julgar os delinquentes.

— Claro que sim, não poderia fazer outra coisa! É uma crueldade deixar que quatro jovens não tenham a oportunidade de viver em paz, que morram todos jovens, como animais.

— Os quatro são *berserkers*? — Ela espionou por cima dos

bailarinos tentando ver os quatro estrangeiros, mas eles lhe pareceram normais. Olhou para seus próprios filhos, pelos quais estava extremamente preocupada, embora ainda não tivessem demonstrado sinais de fúria descontrolada.

— Sim, eles precisaram matar recentemente a seu próprio irmão, ele enlouqueceu e matou vários de seus companheiros.

— Yvette o olhou pálida.

— Mas Erika, minha menina, — ela se queixou sem poder continuar a frase, fruto da emoção. Sua mulher era muito esperta, agarrou-lhe a mão, e, nesta ocasião, ela não resistiu, — não sabemos nada dele, e vive tão longe. Erik, por favor, ela já está comprometida.

— Sei, somente lhe peço que o conheçamos, vejamos o que acontece. Eu tampouco quero que ela se vá para tão longe, Mas já sabe o que penso sobre Siward, sabe que ela nunca será feliz. Esse homem não é para ela, entretanto, Hrolf e ela, não conseguiram parar de se olhar.

— Sei Erik, — ela apertou sua mão, aquele compromisso havia provocado muitas discussões entre os dois. Ela se colocara a favor de sua filha, e brigara para que ele aceitasse, inclusive, sua filha ameaçara fugir se não aceitassem, embora tivesse destroçado o coração deles. No fundo, ela sempre pensara que Erik não queria que sua filhinha saísse de casa, não importava com qual homem, mas, era possível que tivesse se equivocado, apoiando o compromisso. Havia pensado assim quando viu como sua filha e o estrangeiro se olhavam.

— Gunnar opina o mesmo que você — seu filho caçula, nunca se equivocava ao julgar às pessoas. Ao escutar aquilo,

Erik assentiu, confiava muito no critério de seu filho. Fez um gesto para Jensen para que ele se aproximasse, pois estava em uma mesa próxima, com sua família. Quando ele chegou a seu lado, disse-lhe, ao ouvido:

— Diga ao Gunnar que venha, preciso falar com ele, ele sozinho Jensen, se os outros lhe perguntarem, diga-lhes que é sobre algumas runas, — como Gunnar jogava as runas, e nenhum outro dava importância, o normal era que perdessem o interesse.

Observou enquanto sua filha dançava com seu noivo. Siward sempre fora amigo de seus filhos, jogavam todos juntos desde meninos.

— Diga pai. — Ele observou seu filho, era o menor de todos, e o único dos varões, moreno, e com os olhos de sua mãe. Era chamado o lobo, por toda a região, ao que parecia por sua ferocidade, entretanto, não havia filho mais carinhoso com a mãe e a irmã do que ele. E era muito protetor com sua família.

— Eu soube que você não gosta do compromisso de sua irmã, me diga por que, — fez ele se sentar. Seu filho olhou para sua mãe como se fosse casualmente, mas ela lhe fez um gesto com a cabeça para indicar que ele falasse livremente. Ele encolheu os ombros, em um gesto que recordava Yvette.

— Não sei, quando os vejo juntos, é como se ele fosse outro irmão para ela, não acredito que se amem. Os dois se dão muito bem, mas nada mais. Talvez seja suficiente para eles.

— Entendo filho. Acredita que sua irmã sabe, de verdade, o que está fazendo? — Gunnar desviou o olhar para sua irmã,

ainda dançando com Siward.

— Erika é muito querida, ele insistiu muito, mais que um dos outros pretendentes. Como ela sabe que vocês não queriam que se fosse para longe, e ela tampouco queria ir, aceitou o compromisso, mas acredito ser um engano, — por um momento ele pareceu indeciso sobre continuar, — acredito que também, a família de Siward o empurrou para pedir a mão de Erika, queriam parentesco com a nossa família. Um dia o escutei falar com seus pais, e me pareceu que eles estavam mais interessados no casamento do que ele.

Yvette e Erik mostravam a mesma cara de assombro ante a ideia de que Erika estivesse se metendo na boca do lobo, por culpa deles. Era verdade que a granja dos pais de Siward, era uma das mais próximas, e, ela poderia vir para vê-los quando quisesse. Ou eles a ela, mas nunca imaginaram, que não havia nenhum sentimento por seu noivo da parte dela, nem dele por ela. Assim era como se faziam as coisas em sua comunidade, mas não em sua casa. Desde pequenos, foram incentivados para que escolhessem seus pares guiados pelo coração. Precisamente Erika, sempre fantasiara se apaixonar por um homem e se casar com ele, para ter muitos filhos.

— Está bem filho, muito obrigado por sua sinceridade, volte para seus irmãos — sua mãe aproximou a bochecha, e seu filho lhe deu um beijo, antes de voltar à mesa mais escandalosa de todas.

Quando ele se foi, os dois se olharam aturdidos, agarrando-se novamente pela mão.

— O que vamos fazer agora? — Erik aproximou a mão dela

à boca, para beijar seu dorso, e olhou fixamente o estrangeiro que lhe fazia lembrar tanto de si mesmo, quando jovem.

Era possível que os deuses lhe tivessem mandado um sinal.



CAPÍTULO IV

Erika estava cansada de dançar. Dançara com Siward, com seus irmãos, e agora, dançava com sua amiga Fionna, como quando eram pequenas, agarradas pelas mãos e dando saltos, alegres como dois cachorrinhos. Era muito divertido, mas ela acabava esgotada em algumas músicas. Sua mãe sempre lhe dizia que não sabia de onde ela tirava tanta energia. Erika sempre pensara que nisso se parecia com seu pai, ele também não se cansava, apesar de sua idade.

— Preciso descansar, vou à mesa, você vai ficar? – Fionna respirava agitadamente, olhou-a sorrindo e a abraçou. Sempre se haviam querido muito.

— Não, vou sentar com meus pais. Estão tristes, sobretudo meu pai. Apesar de que vá viver tão perto, causa-lhe tristeza que eu me vá de casa — sua amiga lhe deu um beijo na bochecha e se foi. Desviou-se de vários casais, que a saudavam ao passar, tentando sair do labirinto formado por dezenas de corpos se movendo. Em sua terra não havia muitas distrações, por isso, quando havia uma festa todos a desfrutavam ao

máximo. Deparou-se com uma parede de músculos, porque estava com a cabeça virada saudando alguns vizinhos. Era o estrangeiro, olhava-a de uma maneira estranha, ela ficou nervosa.

— Quer dançar? — ele possuía uma voz tão grave, que ressonava dentro dela. Olhou-o fixamente, algo nele, recordava-a de seu pai, embora não se parecessem em nada. Ela daria uma desculpa, mas ele a pegou pela mão, e puxou-a para que retornassem ao mar de corpos.

Estava claro que ele queria que não os vissem das mesas, pelo menos a ela, já que, por sua estatura, ele sim era visível. Os músicos continuavam tocando e certamente o fariam até o amanhecer. Os convidados se retirariam quando estivessem muito cansados ou bêbados para não aguentar mais, e procurariam um lugar, na sala comunal, no celeiro ou inclusive nos estábulos, onde dormir. Suas mãos se perderam entre as dele, então, não teve mais remédio que olhá-los nos olhos, e moverem-se, assim agarrados, ao compasso da música. Ante o silêncio, dele, ela se sentiu obrigada a falar, pois seu olhar a inquietava muito para continuar calada.

— Vocês vão ficar muito tempo? — Ele a olhou antes de responder. Notava seu nervosismo, embora não entendesse porque se incomodava que ela se sentisse assim, quando ele nunca a machucaria, não poderia, era impossível. Encolheu os ombros em resposta a pergunta. Na realidade essa visita duraria somente algumas horas, mas depois de conhecê-la, não sabia o que podia acontecer.

— É a mulher mais formosa que eu já vi. Não posso

acreditar que esteja prometida com aquele afeminado, — ela o olhou indignada, ergueu-se em toda sua estatura, embora não fosse muita, e parou de dançar. Siward apareceu nesse momento.

— Querida! — Ela se alegrou ao vê-lo, era a melhor desculpa para não permanecer junto daquele mal educado.

— Siward que alegria! — Conscientemente, não olhou ao gigante que permanecia observando-os, e cuja raiva lhe chegava em ondas, — precisamente estava pensando que gostaria de me sentar e beber um copo de água, estou sedenta. Acompanha-me?

— Sinto muito Erika! Minha mãe tem dor na cabeça, e decidimos voltar para casa. Felizmente, estamos muito perto — sorriu pela brincadeira, mas desta vez, ela não achou engraçado. Siward lançou uma olhada ao homem que esperava com os braços cruzados e aspecto impaciente. A expressão dos olhos dele, fez com que empalidcesse e também porque ele lhe passava mais de uma cabeça na altura. Decidiu acelerar a despedida:

— Amanhã virei para vê-la, — deu-lhe um beijo na bochecha e lhe pareceu ouvir um grunhido. Sem olhar ao homem que o havia emitido, se foi.

— Esse homem é quem você escolheu, para que cuide de você e a proteja por toda sua vida?

— Parece-me que isso não é assunto seu. Mas lhe direi que não necessito que nenhum homem me cuide, sei fazê-lo sozinha — disse furiosa. Se seu pai escutasse essa conversa arrancaria a língua dele, por atrever-se a falar assim com ela.

Estava indignada, precisava sair dali — perdoe-me, mas vou sentar com meus pais.

— Irei com você.

— Prefiro que não o faça, — como se ela não tivesse falado, ele a seguiu até a mesa. Seus pais falavam entre eles, quando levantaram o olhar ao escutá-la chegar, ela franziu o cenho, certa de que falavam sobre ela. Sobretudo, sua mãe, que apresentava uma expressão de culpa.

— Siward se foi com sua mãe, ela sentia dor de cabeça. — Sentou-se junto a sua mãe, esperando que o estrangeiro se fosse. Mas seu pai o convidou com um gesto para se sentar outra vez ao seu lado.

— Hrolf, como você esteve tanto tempo viajando, eu gostaria de lhe oferecer nossa hospitalidade alguns dias. Poderá ficar? — Hrolf assentiu muito sério. Não entendia o que acontecia, mas aproveitaria todas as oportunidades que tivesse, para estar mais tempo dela ela.

Erika olhava para seus pais, incrédula. Não entendia porque a colocavam naquela situação, eles deviam ter notado como ele a olhava. Era impossível que não se dessem conta.

— Mãe, vou me deitar, importar-se-ia me acompanhar um momento? Quero falar com você — Yvette assentiu, Erik lançou-lhe um olhar, mas sua mulher permaneceu tranquila. Conhecia muito bem sua filha, e faria o que fosse necessário para sua felicidade.

— Claro, vamos filha, — as duas se levantaram, despedindo-se, Yvette segurou Erika pela cintura para acompanhá-la até seu aposento. Sabia que deveria lhe dizer a

verdade, sua filha não era tola. Mas ela, também, deveria ser sincera. Ajeitou os ombros, diante da difícil decisão que deveria tomar.

O dormitório de Erika era ao lado do de seus pais e seus irmãos, na outra ponta da casa, antes da cozinha e da zona dos animais. Era a área mais quente da casa de noite.

Fecharam a porta ao entrar. E sua filha enfrentou-a com as mãos nos quadris.

— Mãe! O que está acontecendo aqui? Papai pediu a esse homem tão estranho, que viesse, por alguma razão? Não me disseram toda a verdade? — Yvette a observava atentamente, conhecia o caráter de Erika, mas, mais do que zangada, ela parecia assustada.

— Não querida. Não sabíamos que viria, até hoje não o tínhamos visto, foi uma surpresa. Asseguro-lhe isso — Erika começou a dar voltas pelo aposento. Yvette se sentou na cama de sua filha, esperando, sabia que o melhor método para que ela falasse era ter paciência.

— Ele é muito estranho, olha-me como se me transpassasse por dentro. E sabe de uma coisa? — baixou a voz — acredito que é um *berserker*. Igual a papai e meus irmãos, porque um par de vezes, falando comigo, vi aquele resplendor azul, já sabe do que falo, — Yvette assentiu como se estivesse tranquila, mas seus cabelos estavam arrepiados. Aquele resplendor aparecia quando o *berserker* estava muito furioso, por exemplo, no meio de uma batalha, ou, ao contrário, quando estava vivendo uma emoção muito forte, por exemplo, ter encontrado a sua alma gêmea, sua companheira. Erika não

sabia toda a verdade sobre isto, já que haviam tentado protegê-la, visto que ela não teria o mesmo problema que seus irmãos. Ou, pensavam assim, até esse momento.

— E ainda por cima, insultou Siward! Chamou-lhe afeminado. Mãe, você mesma me disse um montão de vezes, que não deveríamos criticar ninguém por seu aspecto físico. Marianus não gostaria disso, — toda a moral ou ética de Erika, era medida pelo que Marianus opinaria. Yvette às vezes pensava que ela o amava mais do que a eles. Sorriu ao pensar no aborrecimento de Erik se ela dissesse isso.

— É verdade querida, não se deve fazer, — suspirou ao pensar que ela não era mais que uma menina, embora já tivesse dezesseis anos.

— Ele é um bruto. Não sei por que papai o convidou a ficar alguns dias.

— Erika, filha, sente-se junto a mim — quando ela o fez, acariciou seu cabelo solto, — contarei algo de quando seu pai e eu nos conhecemos...

— Sim, sequestrou-a, já sei. — Ela repetiu como se fosse uma lição que aprendeu ao longo dos anos.

— Espere, tenha paciência. Antes que ele nascesse, uma feiticeira profetizou o que ocorreria em sua vida. Seus irmãos sabem, a você ainda não havíamos contado isso, mas acredito que chegou o momento. Sabe que seu pai vivia na Noruega, e que sua mãe era uma escrava, e seu pai o *jarl*⁷, mas ele era ilegítimo, — sua filha assentiu — O que não lhe dissemos, era que quando ele nasceu, uma adivinha havia profetizado para sua mãe que ele seria diferente dos outros. Estudamos,

durante todos estes anos, muitas vezes a profecia, que diz assim:

PROFECIA DO BERSERKER

E nascerá de uma escrava um menino com o berserker em seu interior. Será um bravo guerreiro que liderará seu povo conquistando novas terras, onde será rei.

E seu berserker, escolherá uma mulher, com o cabelo como a noite e os olhos do céu estrelado.

E sua voz será a única coisa que ele escutará em seu interior, quando o berserker tome posse de seu corpo.

E quando, ao final de suas vidas, cavalgarem para o Valhalla, sobre seu cavalo de crinas douradas, terão guiado o seu povo à paz e à abundância.

E os filhos de seus filhos falarão deles com respeito e admiração.

E serão lenda.

Erika a olhava com a boca aberta identificando os protagonistas da profecia, como seus pais.

— Por que não haviam me contado isso?

— Queríamos protegê-la querida, não era por nada ruim. Seu pai não queria colocá-la desnecessariamente em perigo. Queríamos viver em paz. E agora, eu lhe contei isso, porque seu pai e eu, faz tempo que pensamos que todos os *berserkers* têm uma mulher predestinada, e só uma — Erika sentiu como se arrepiava seu cabelo ao escutar aquilo. Sua mãe negou com a cabeça — a profecia é extensível ao resto dos *berserkers*.

— Não! Eu não posso ser! Não o farei! Estou prometida para Siward — ela se levantou de novo ficando rígida, com os punhos apertados — mãe, estão equivocados.

— Escute querida — levantou-se incapaz de suportar a expressão de medo dela, e a abraçou — queremos somente que você seja feliz, quero que você também esteja de acordo, mas não podemos entrega-la a um homem que não a adore. Você não merece menos. Quando faltarmos os dois, queremos ir sabendo que você viverá o que lhe restar de vida, amada, como o é aqui, em sua casa, com sua família. Entende? — sua filha assentiu com lágrimas nos olhos.

— Mas mãe, Siward me ama, eu sei, o que acontece é que não ele não demonstra como nós. Em sua casa são de outra maneira, não gostam de demonstrar seus sentimentos.

— Ora, — respondeu incrédula, — bom, quem precisa estar convencida é você. — Olhou-a nos olhos — Vou lhe pedir um favor, que olhe em seu coração e diga se você também o ama. E se não for assim, que se pergunte por que motivo quer se unir a ele. — Deu-lhe um beijo na fronte para despedir-se — Bom, eu vou, senão seu pai mandará a alguém para me buscar.

Saiu do aposento deixando sua filha com muitas dúvidas.



Hrolf esperava escondido em um canto escuro onde parecia haver outro aposento, havia encontrado a Erika pelo olfato, ele mesmo não podia acreditar que tivesse conseguido fazê-lo. O aroma dela ao dançar, havia se entranhado nos

pulmões, e estava certo, de que já nunca sairia dali. Cheirava a flores, a limpeza. Nunca estivera com outra mulher que cheirasse assim. Escondeu-se ainda mais na escuridão, quando viu que a porta de seu aposento se abria. A mãe dela saiu, e ele esperou até que o som de seus passos se perdesse pelo corredor, e se adiantou para entrar no aposento dela. Precisava saber.

Entrou sem bater, flagrou-a de costas à porta, tirando o vestido. Não pensou nada, no seguinte minuto, estava em cima dela, e lhe tampava a boca com a mão. Utilizou um pano, havia levado dois, que roubara no salão, para amordaçá-la. Enquanto o fazia, ela lhe mordeu a mão, mas ele aguentou a dor, era um preço pequeno em troca do que queria fazer. Quando conseguiu que não pudesse gritar, terminou de tirar o vestido dela.

Na realidade, não planejava nada, deixara-se levar por seu instinto, tornaria ela sua, ali mesmo, mas, apesar de tudo, queria viver. E não duvidava que o dono da casa, o esfolaria se ele fizesse algo semelhante a sua filha, mas precisava prová-la. Conformar-se-ia com isso, precisava beijar seu corpo e lambê-lo, sentir sua essência. Atirou-a sobre a cama, e se colocou escarranchado sobre ela, segurando-a pelos pulsos, juntos.

Ao notar como seu peito se movia, observou-a inclinando a cabeça. Com o dedo indicador tocou uma das lágrimas que caíam por sua bochecha, e a levou a sua boca. Estava salgada. Entre sua gente eles nunca choravam. Uivavam, gritavam, mordiam e se pegavam, mas não choravam. Não gostava que ela o fizesse, parecia sofrer.

— Não chore não vou lhe machucar — ele tentou

tranquilizá-la, ela pareceu surpreender-se ao escutá-lo. Queria beijá-la, mas não podia lhe tirar a mordaca — você vai gostar, já o verá, — por alguma razão, isso a fez chorar ainda mais.

— Não, por favor, — apesar dela estar amordaçada ele a entendia, embora não pudesse falar claramente.

Incomodou-o a sensação que inundava seu peito, ao vê-la chorar.

— Fique quieta — segurou ambos os pulsos com uma mão, e começou a acariciar o corpo dela. Erika gemia chorando, ninguém, que ela recordasse, nem sequer a havia visto nua, nunca. Ao ver que ela continuava resistindo, seguindo seu instinto tentou marcá-la, e lhe mordeu o ombro com força. Finalmente, ele conseguiu que ficasse quieta. Ele baixou de novo a cabeça e lambeu a marca, até que ela não sentiu dor, somente um formigamento que corria desde seu ombro até seu ventre.

Ele levantou a cabeça para olhá-la. Seus olhos lançavam brilhos elétricos azuis. Ela gemeu de medo, conhecia a fúria do *berserker*. Ele franziu o cenho, não gostava que estivesse assustada. Acariciou-a nos seios repetidamente, com suavidade, deu-se conta de que era uma mulher de pele delicada, quase frágil, muito diferente das que costumava ter em sua cama.

— Morro de vontade de beijar seus lábios, mas há outros lugares — baixou beijando o queixo até seu pescoço, onde continuou dando ligeiras dentadas. Voltou a lambe o sinal em seu ombro. Olhou-a de novo, parecia aterrorizada, — fique tranquila, você gostará.

Era uma mulher pequena. Acariciou seus esbeltos braços e pernas. A mão dele se dirigiu entre suas pernas e acariciou seus cachos lambendo-se, ao pensar em seu sabor.

— Não! Não! — ela gemia sob a mordada, retorcendo-se como louca debaixo dele.

— Fique quieta! — Ele rugiu, penetrou-a com o dedo indicador. Estava seca, ela voltou a face para não vê-lo, enquanto continuava chorando. Ele, ao mesmo tempo em que colocava e tirava o dedo de seu sexo, tomou um mamilo entre seus lábios, sorvendo-o com força. Pela primeira vez, ela gemeu de prazer. Incrédulo, observou-a, então notou que seu dedo se enchia de umidade.

— Você gosta que lhe chupem as tetas? — Ela o olhou ruborizada. Sorriu, emocionado por ter encontrado algo que ela gostasse. Repetiu o tratamento com o outro seio, sem parar de colocar e tirar seu dedo, não podia deixar de penetrá-la. Ela se arqueou na cama um pouco, não muito, já que não podia levantar o peso dele, ao mesmo tempo, que gemia com os olhos fechados. Ele sorriu. E separou as pernas dela para poder acomodar-se.

— Estou desejando beber de você, — ela abriu os olhos assustada, não o entendia.

— Tranquelize-se, não doerá, ao contrário — ele separou as coxas dela, com firmeza, e abaixou a cabeça olhando-a nos olhos, queria que ela o visse fazer.

Sentia uma excitação como não tinha sentido em sua vida. Começou a chupar com sua língua toda a fatia, de cima abaixo, fez aquilo durante um momento, até que ela começou a mover

os quadris. Depois, ele sorveu o clitóris, o que provocou que ela quase gritasse, e continuou fazendo-o, enquanto colocava um par de dedos, até que ela voou sozinha em uma nuvem de prazer.

Observou-a sentado sobre seus pés, apesar de que seu pênis estava mais duro que nunca. Sentia-se como se tivesse conseguido uma grande vitória, somente por ter feito que ela gozasse. Deitou-se sobre ela, com cuidado, mas desta vez ela não se assustou. Tirou-lhe a mordaca da boca, para beijá-la, ela não disse nada, estava com os olhos fechados, mas não correspondeu.

— Deve chupar minha língua, — ela o olhou assombrada, não sabia o que fazer. Seu prometido nunca se atreveu a lhe dar um beijo, respeitava muito a seu pai, ou melhor, o temia. Não sabia que o sexo seria assim, emocionante, apesar do que, às escondidas, havia escutado às vezes seus irmãos. Pensava que somente o homem gostava.

Em qualquer caso, nunca, em sua vida, havia se sentido como quando ele a havia chupado ali em baixo. Por isso lhe fez caso e chupou sua língua, timidamente ao princípio, com mais paixão depois. Ele tomou sua cabeça com as mãos, para dirigí-la a sua boca, acariciando suas bochechas. Era preciosa. Olhou-a durante alguns longos segundos. Não podia ficar muito mais tempo ali, não queria tê-la somente um momento, mas sim por toda sua vida. Solto-lhe os pulsos, esfregando-os para que não doessem e voltou a beijar sua boca com paixão. Depois, esfregou de novo seus seios, sem conseguir evitar.

— Devo ir. — Ela o olhou sonolenta, — nos veremos

amanhã, — voltou a beijá-la — Adeus *liten min*.

Levantou-se, e, depois de colocar a calça, para ficar um pouco mais cômodo, já que quase não podia andar, saiu dali deixando-a nua, e totalmente satisfeita. Ela o seguiu com o olhar até que ele desapareceu. Não gritou em nenhum momento.



CAPÍTULO V

Erika se levantou cedo, e saiu fugindo para os estábulos, precisava cavalgar para conseguir pensar com clareza. Seu pai a havia levado com ele, no lombo de seu cavalo desde que ela era um bebê, até que ela conseguiu começar a cavalgar sozinha, e era a única coisa que a fazia se sentir livre de tudo, e a ajudava a pensar.

Thor se alegrou de vê-la, como sempre. Selou-o depressa, e o tirou dos estábulos, já que não chegava ao estribo sem ajuda. Lá fora, havia um toco, que lhe servia para montar nos cavalos que eram muito altos. Estava a ponto de fazê-lo, quando a seguraram pelo braço. Virou-se assustada, se por acaso fosse seu pai, já que a proibira de montar sozinha, desde que um cavalo a derrubara, três anos atrás. Foi a única vez que a repreendera seriamente, ela lhe respondeu que fora má sorte, o cavalo se perdera ao correr, e derrapou, mas seu pai era tão teimoso quanto ela. Por isso decidiu continuar montando às escondidas, sozinha, de vez em quando.

— O que você está fazendo? – Hrolf a olhava como se ela

tivesse enlouquecido.

— Ah!, é você, solte-me, — Seu traiçoeiro coração se acelerou ao vê-lo — vou montar, está me machucando, solte meu braço — ele franziu o cenho, mas não deu atenção. Olhou o cavalo e depois para ela.

— Sua família não cuida de você como é devido, se a deixam montar nesse cavalo, é muito grande para você.

— Isso não é assunto seu, deixe-me! — O cenho dele se escureceu ainda mais, e puxou-a afastando-a do cavalo, sem fazer caso de sua resistência.

— Não vai montar nesse cavalo sozinha, — ela sentiu as lágrimas chegarem a seus olhos, não queria chorar, mas estava muito confusa. Odiava fazê-lo, parecia-lhe um recurso de mulheres débeis. Por Deus! Ela estava acostumada a pegar-se com seus irmãos, a montar a cavalo e ir caçar com eles! Limpou as lágrimas a tapas com a mão livre.

Desde o ocorrido na noite anterior, sua cabeça era um caos, não era a mesma de sempre, além disso, havia dormido pouco e quando conseguira, havia sonhado com ele. O homem que estava à sua frente, que os deuses haviam mandado para castigá-la.

— Por que você chora? — Ele parecia surpreso, voltou a tocar uma de suas lágrimas com um dedo.

— Deixe-me montar, por favor, Hrolf, — ela suplicou, pois precisava sair dali, sentia-se asfixiada de repente. Ele se sentiu indeciso, pela primeira vez em sua vida desejava aceitar os desejos de outra pessoa, mas seu instinto protetor lhe dizia que não podia deixá-la sozinha.

— Está bem, mas irei com você, — ela assentiu pensando, que enquanto ele buscaria seu cavalo, ela escaparia galopando, e ele já não poderia alcançá-la.

Mas Hrolf não pensava deixá-la sozinha. Havia dormido nos estábulos com seus homens. Tinha escutado ela chegar e preparar o cavalo e havia deixado que o fizesse, estranhando, decidido a intervir mais tarde.

Agarrando a pela cintura, sem prévio aviso e sem nenhum esforço, colocou-a na sela, e mantendo ele as rédeas, agarrando-se às crinas, impulsionou-se e subiu de um salto atrás dela.

— Hrolf, quero ir sozinha, faço-o desde que era uma menina, — olhou para trás e viu como os olhos do viking brilhavam de alegria, somente por ter seu corpo junto a ele.

— Em algumas coisas, ainda é uma menina — ela se zangou ao escutá-lo. Hrolf, sem lhe fazer caso, rodeou sua cintura com seus fortes braços, para poder levar o cavalo e o esporeou para que avançasse. Ela se agarrava como podia às crinas do animal.

— Apoie-se em mim — atraiu-a para si e ela o deixou fazer, senão cairia. Quando se apoiou em seu peito, ele a rodeou com todo seu corpo, o que fez que se sentisse muito segura.

De repente, ele fez cavalgar o cavalo, e ela notou o vento esfriar suas bochechas, apesar de já estarem no verão. Seu cabelo preso entre suas costas e o peito dele, queria sair voando, mas não podia. Fechou os olhos desfrutando da sensação do cavalo galopando, e da fortaleza daqueles fortes braços a seu redor. Sentia-se estranhamente protegida,

possivelmente sua mãe tivesse razão com respeito à Siward... embora preferisse não pensar naquilo. Limitou-se a aproveitar a sensação de cavalgar, mais veloz do que ela já cavalgara, e mais segura também. Parecia que o corpo dele, de repente, transformou-se em seu escudo protetor.

Hrolf, ao ver o bosque que crescia nas laterais do rio, à esquerda do caminho, foi freando o cavalo, até que o fez trotar brandamente.

— Damos um passeio? — Ela o olhou, foi um engano, porque seus olhos lhe transmitiram uma fome feroz. Estava claro que ele não queria passear.

— Melhor voltarmos para casa — ele soltou as rédeas, e a agarrou pela cintura, levantando-a e girando-a no ar. Ela deu um pequeno grito, um pouco assustada, até que se deu conta de que pretendia que ela ficasse de frente para ele.

Hrolf, uma vez que a teve sentada olhando-o, agarrou as pernas de Erika, e as enlaçou em torno dele. Ela lutou, sentia-se tratada como um cãozinho, ele nunca lhe perguntava nada, fazia o que queria com ela.

— Hrolf!, deixe-me! — Ela começou a mover as pernas para descer do cavalo. Se fosse necessário, andaria até a casa. Ele voltou a colocar suas pernas cruzadas pelos tornozelos atrás dele, e agarrando seus pulsos, segurou-as atrás das costas dela, com sua mão esquerda. Enquanto, com a direita, segurou-lhe a mandíbula, para beijar sua boca. Ela manteve os dentes apertados disposta a não deixá-lo passar. Desta vez, não.

— Abra, — ele ordenou e ela negou com a cabeça, o cenho

franzido. Era muito teimosa, digna filha de seu pai.

— Não o farei. Não tem direito — ela disse, intuindo que ele a machucaria.

— Acredita nisso? — Ele sorriu com maldade, colocando a mão sob sua camisa. Começou a tocar um seio, sem deixar de olhá-la. Apertou forte o mamilo, ela mordeu os lábios, mas não disse nada. As mãos dele estavam quentes, e calosas, arranhavam-na, e precisamente por isso, o prazer era maior. Logo passou ao outro seio, Erika se sentiu obrigada a nomear seu prometido.

— Hrolf, deixe-me, aconselho que me devolva em casa, não direi nada a meu noivo, nem a meu pai, se me levar agora. — Ele elevou o olhar interessado.

— Por que não conta para seu noivo? Estou disposto a que resolvamos em uma disputa. Vamos buscá-lo? — Ela o olhou, zangada. É óbvio, uma luta, corpo a corpo, era exatamente o que ele queria. Sempre vencia o mais forte, e não havia nenhuma dúvida de que Siward não teria nada a fazer.

— Você é um bruto — ela disse desesperada. Antes de terminar de falar, já estava com sua boca coberta pela dele, a língua dentro dela, percorrendo toda a extensão e os dentes. Tentava fazer com que ela respondesse acariciando a cintura e as costas.

— Beije-me, — afastou-se para olhá-la, parecia zangado porque ela não correspondia. Alegrou-a saber, que, pelo menos era capaz de zangá-lo, assim os dois se igualariam. Ele voltou a atacar sua boca, cada vez com mais ímpeto, como se fosse um exército que tentava conquistar uma fortaleza. Ela se

concentrou em não reagir, dando-se conta de que seria a melhor estratégia.

Alguns minutos depois, ele levou a mão debaixo da saia dela, tentando colocar a mão em seu sexo. Ela, vendo que se repetiria a mesma coisa do dia anterior, atirou-se do cavalo para sair correndo. Mas seu pé se enganchou na perna dele, o que fez com que ficasse pendurada de barriga para baixo um instante, e, finalmente, que sua cabeça golpeasse contra o chão. Sentiu uma dor muito grande, e ficou tonta, desmaiando momentos depois.

Hrolf desceu de um salto do cavalo pelo outro lado, depois de desenganchar com cuidado o pé de Erika. Ao vê-la pálida no chão, sentiu medo pela primeira vez em sua vida. Agora entendia o que Erick lhe dissera: que nunca tivera sentimentos por ninguém, até que conheceu sua mulher.

Ajoelhou-se a seu lado, e moveu sua cabeça com cuidado para ver a ferida, ela havia dado uma batida contra uma rocha. Estava com um corte pela qual sangrava muito. Colocou o ouvido sobre o coração dela, pulsava, graças aos deuses. Agarrou-a com cuidado nos braços, e subiu no cavalo, ela continuou desmaiada por todo o caminho, até chegar a casa.



Erik se levantara cedo, havia dormido mal. Sua mulher o expulsara da cama, lhe pedindo que a deixasse descansar um pouco. Como ele não conseguia dormir, dedicou-se a sua atividade favorita, fazer amor com ela. Riu baixinho, ao

recordar como ela lhe pedira que a deixasse dormir, ao menos um momento. Tendo piedade dela, desceu à sala comum para tomar o café da manhã, e passar um momento tranquilo, até que os convidados se levantassem e comesçassem a voltar para suas casas. Por isso estranhou ao escutar um relincho de cavalo na entrada, e saiu para ver. Quando entrou o estrangeiro com sua filha nos braços, seu coração saltou vários batimentos. Felizmente, ela estava com os olhos abertos, apesar de ter sangue na face.

— Papai! — ao olhá-lo, preocupou-se, devia estar com um aspecto terrível, para que seu forte pai ficasse pálido — não se preocupe, por favor, é que caí do cavalo, nada mais — notou como os braços de Hrolf, ficaram tensos, certamente esperando que o traísse.

— Minha filha! — Agarrou-a tirando dos braços do outro homem, mais tarde perguntaria o que realmente acontecera. Hesitou um momento — levo você até seu aposento e chamarei sua mãe?

— Não, por favor! Vamos à cozinha, lá há o necessário para limpar a ferida, e temos o unguento da Helga para colocar nas feridas. Se depois me doer a cabeça, deitarei. — Hrolf seguia atrás deles com o cenho franzido, sentia os braços vazios sem ela. Embora fosse o pai dela que a levava, não lhe parecia correto, ele deveria levá-la, e conseguir que se curasse também.

Erik a sentou em uma cadeira perto da lareira, e saiu para buscar água no rio com um balde. Era mais rápido ele mesmo ir do que despertar um servente para que o fizesse. E sua mulher sempre pegava água limpa para lavar as feridas.

Hrolf se acocorou junto dela para olhá-la nos olhos, ela olhou para o fogo, não queria falar com ele. Agora não, e talvez nunca mais. Mas voltou o rosto para ele.

— Dói muito? — Ela negou com a cabeça, embora estivesse muito pálida. Além disso, com a metade do rosto coberto de sangue, seu aspecto era terrível.

— Não consentirei que se ponha em perigo desta maneira, preciso que esteja segura — ela o olhou como se estivesse louco.

Possivelmente estava, mas precisava tê-la segura, se isso supusesse não deixá-la montar, faria. Alguém precisaria controlá-la. Seu pai, evidentemente, permitia-lhe muita liberdade.

— Mas que cara de pau! Recordo-lhe que caí por sua culpa, — ele a olhou com expressão de estar mordendo a língua.

Erik voltou antes que continuassem discutindo, seu pai deve ter notado algo, porque olhou aos dois, antes de acocorar-se diante dela.

— Tem certeza de não quer que chame sua mãe? Ela tem a mão muito mais delicada que a minha, — dava-lhe medo de machucá-la, não se recordava de ter curado alguém.

— Não, por favor, somente precisa lavar a ferida, inclinarei a cabeça para que o faça, e lhe asseguro que sairá toda a terra, — ele assentiu. Hrolf os olhava com os braços cruzados, sentia vontade de pegar o balde d'água, e cuidar dela.

Erik seguiu as indicações dela, depois a secou, o mais cuidadosamente que conseguiu, e passou o unguento. Erika

estava com a cabeça e o pescoço doloridos, mas se dava conta de que tivera muita sorte. Podia ter morrido.

Depois, embora Erik quisesse levá-la nos braços até a sala, ela quis ir andando, e todos se sentaram ao redor da mesa.

— Hrolf, eu gostaria de falar um momento com você, vamos lá fora. — Ele assentiu, também queria falar com o pai dela.

Saíram os dois, Erika ficou surpresa por isso, voltaram minutos depois, com Hrolf limpando a roupa e tocando a face, enquanto seu pai esfregava os nódulos, satisfeito.

— Pai! Você bateu nele? — Seu pai a olhou furioso. Antes não havia demonstrado, porque a primeira coisa era curar sua ferida, mas estava muito zangado com ela.

— Sim, e agora vamos falar você e eu. Moço, saia daqui preciso falar com minha filha — Erika se sentiu a ponto de chorar, reprimiu-se, respirando fundo. Seu pai nunca lhe falara com tanta dureza.

— Não! — Erik o olhou indignado, mas ele cruzou os braços, e se apoiou na parede — ficarei, e se lhe fizer mal, embora seja seu pai, se verá comigo.

— Fora! — Dirigiu-se para ele, disposto a lhe dar uma surra, mas a única voz capaz de freá-lo soou.

— Erik! — Yvette se vestira incapaz de voltar a dormir. Felizmente descera a tempo — O que acontece aqui? — Observou sua filha que parecia a ponto de chorar, aproximou-se dela olhando para seu marido e para o estrangeiro duramente.

Erika ao ver sua mãe, respirou fundo, conhecia seu caráter. Se pensasse que alguém fizera mal para ela, a sua maneira, podia ser tão dura quanto seu pai. Mas não queria que discutissem entre eles, eram as duas pessoas que mais amava no mundo. Seu olhar se desviou para Hrolf, que parecia a ponto de explodir. Aquilo seria um desastre, sua mãe se sentou junto a ela, em seguida viu a ferida.

— Meu Deus! — Sua mãe, igualmente a ela era cristã, influenciadas por Marianus. É obvio, seu pai continuava acreditando nos deuses vikings. Seus irmãos dependiam do dia, utilizavam um ou outro segundo mais lhes conviesse.

Yvette se levantou para ver bem a ferida, estava com o cabelo empapado. Ao menos a haviam lavado, olhou para Erik, responsabilizando-o por tudo.

— Como é que você não me chamou? — Erik encolheu os ombros, ela não o assustava com aquelas olhadas. Na realidade deixava-o excitado que ela o olhasse, zangada.

— A menina não quis, preferiu que eu a limpassem, — orgulhou-se. Fora a primeira vez que havia curado sua filha, e acreditava tê-lo feito bastante bem.

— Precisarão trocar de roupa, tem esse lado empapado de sangue — Erika negou com a cabeça, não queria sair dali. Qualquer um sabia o que poderia ocorrer se fosse.

— Mãe, por favor, traga-me somente uma toalha para que eu coloque no cabelo.

— Trarei uma infusão de casca de salgueiro? — Ela assentiu, viria muito bem contra a dor, mas, sobretudo, queria que ela se fosse alguns minutos dali, para falar com os dois.

— Já volto, nem ocorra falar algo sem mim, — avisou Yvette.

Assim que saiu, Erika encarou seu pai.

— Pai, — ele a olhou. Continuava zangado — diga agora o que quiser, prefiro não desgostar a mamãe. — ele assentiu, estava de acordo. Aproximou-se, até sentar-se em uma cadeira em frente a ela:

— O que aconteceu nesta manhã? Como se machucou? Ela mordeu os lábios preocupada, seu pai não estava acostumado a admitir que ela o desobedecesse, sobretudo, se com isso ela pusesse em risco sua segurança.

— Saí com Thor para dar uma volta, — seu pai apertou visivelmente os dentes, era o que havia imaginado.

— Quantas vezes lhe disse que não cavalgue sozinha! — Ele gritou, inclinando-se para ela, parecia a ponto de bater nela, apesar de que ela sabia que ele era incapaz de fazê-lo. Erika mordeu os lábios, seu pai nunca levantava a voz com ela. Sentia-se doída e envergonhada, sobretudo porque ele estava com razão.

Esperou o próximo grito, mas, de repente, seu pai desapareceu de sua visão, empurrado pelo corpo de Hrolf. Ela se levantou ao vê-los rodar pelo chão, lutando como se fossem os piores inimigos.

— Não! Por favor! — Ela gritou levantando-se. — Nãooooo! — Dirigiu-se para eles para separá-los, mas continuavam rolando pelo chão. Seu pai acabava de dar uma cabeçada no nariz de Hrolf, que fizera soltar um jato de sangue. Então, o estrangeiro conseguiu golpear com o punho fechado em sua maçã do rosto,

o que fez que se voltasse para trás, e assim o tirou de cima.

Então, os dois sentiram que caía em cima deles um jato de água gelada, que conseguiu que se acalmassem. Yvette estava de pé, com o balde vazio entre as mãos, olhando-os e lançando faíscas pelos olhos.

Erika, dois passos atrás de sua mãe, olhava-os morta de vergonha, sabendo que tudo era culpa dela. Foi para seus aposentos, castigada por ela própria. Não sairia nunca mais dali.



CAPÍTULO VI

Yvette pensava muitas coisas ao mesmo tempo, mas principalmente no que precisara aprender vivendo com um viking rígido e criando seus quatro filhos. Embora seu coração lhe impulsionasse a seguir sua filha, ficou ali, porque não confiava em deixar aqueles dois homens sozinhos, sem que se atacassem a golpes.

— Vão se sentar, buscarei o necessário para curá-los, vamos! — Olhou para seu marido e esperou que eles se sentassem, o suficientemente longe um do outro. — Erik, se voltar a se repetir o que aconteceu antes, juro que Erika e eu passaremos alguns meses na Irlanda, com a família do Marianus, e não sei quando voltaremos. — Erik empalideceu ao escutá-la, acreditava que ela era muito capaz de cumprir a ameaça, e o que era pior, já estava desejando que ela retornasse.

As duas foram para lá, já fazia uns dois anos, e permaneceram por três meses. Ele quase enlouqueceu, entretanto, elas, vieram melhores do que nunca, porque foram

tratadas como duas rainhas. Acostumadas ao trabalho duro da granja, no castelo onde vivia a família e Marianus, não precisaram fazer praticamente nada. Assentiu carrancudo para sua mulher, para que ela visse que ele havia entendido a ameaça. Era um viking, e não temia a nada, exceto a que sua mulher não estivesse com ele, e ela sabia disso.

Durante o tempo que esteve aguardando na cozinha, Hrolf se remexeu na cadeira inquieto. Não entendia porque aquela mulher queria curá-lo se não havia nada de grave com ele. Já lhe haviam quebrado o nariz em outras ocasiões, e teria parecido mais normal que lhe ordenassem que se retirasse daquelas terras. Aquela família era muito estranha. Inclusive o pai, quando a mulher estava em frente a ele, ao cruzarem, em uma ocasião, seus olhares, encolheu os ombros, como dizendo: se as mulheres são assim, o que podemos fazer.

Yvette voltou em seguida com uma bandeja com vários potes, panos limpos, e uma terrina com algo que fumegava. Começou com seu marido. Limpou-lhe o sangue seco, e se tranquilizou ao ver que ele não continuava sangrando. Quando terminou lhe disse.

— Está pronto, agora vou cuidar dele. — Erik a olhou feio, sabia que ela devia fazer, e decidiu sair para não ver. Normalmente teria uma briga tremenda com sua mulher, por tocar outro homem, ou teria se encalacrado a golpes com ele. Devido à ameaça anterior, decidiu ir ver sua filha, o que estava desejando fazer. Não suportava se lembrar de que gritara com ela.

— Vou ver nossa filha. — Yvette assentiu, não disse nada,

conhecia muito bem a seu marido. Não podia ver sua filha, era mais brando com Erika do que ela, sempre havia sido.

Ela estava sentada na cama olhando o chão, não levantou o olhar quando ele entrou, somente lhe cedeu lugar para que ele se sentasse a seu lado, sem olhá-lo. Sentiu seu coração se partir, e sentou-se a seu lado, sem dizer nada, e a abraçou contra ele, igual a tantas vezes fizera no passado, quando ela se sentira triste ou assustada por algo! Possivelmente dentro de pouco tempo não poderia mais fazê-lo. Estreitou-a, deixando-a chorar em silêncio.



Yvette fez um gesto para que ele se sentasse onde antes estivera Erik. Sentado, impressionava por ser tão grande, por um momento ela pensou quão indefesa estaria sua filha ante essa força, mas sabia, por própria experiência, que, se fosse sua companheira, ele jamais lhe causaria nenhum dano. Limpou-lhe o nariz, depois colocou um unguento, fez o mesmo com seu olho direito. Parecia que havia batido contra uma rocha, mas não estranhou, conhecia a força de seu marido. Embora fosse dez anos mais velho do que esse homem ao qual estava curando. Assim que terminou, ele tentou se levantar, mas ela colocou a mão no antebraço dele, fazendo-lhe um gesto para que se sentasse, e ele o fez.

— Quero falar com você Hrolf, — ele a olhou um pouco alarmado, estava certo de que não gostaria de falar com ela, menos do que brigar com Erik. Ela se sentou em frente a ele.

— Diga-me o que aconteceu nesta manhã, — ele a olhou nos olhos, mas não respondeu.

— Imagino que você subiu com ela ao cavalo, para que não caísse, — ele assentiu com os lábios pegos. Ela sorria interiormente, pensando que os jovens sempre pensavam que inventavam tudo.

— Bem, e como é que ela caiu ao final? Estavam muito depressa ou perdeu o controle do cavalo? — Ele parecia indignado, porque ela acreditava que ele poderia perder o controle de um cavalo.

— Não, paramos um momento, estávamos perto do bosque.

— Entendo, então, pode me explicar como é possível que minha filha, que estava rodeada por seus braços, eu imagino, já que estavam no mesmo cavalo, caísse de cabeça batendo contra uma rocha? — Ele ficou mudo, sem querer responder, evidentemente. Yvette sorriu esperando.

Esperou alguns minutos, e depois alguns poucos mais, até que lhe acabou a paciência.

— Já vejo que não vai responder. Direi o que acredito que aconteceu: que parou o cavalo, porque queria fazer algo, com o qual minha filha não estava de acordo, então usou sua força com ela, lutaram, e ela caiu. Somente tem a seu favor, que a tenha trazido para casa rapidamente, por todo o resto, eu o expulsaria daqui para que não voltasse nunca mais.

— Mulher! — Erik estava muito zangado, nunca se devia faltar desse modo à hospitalidade, a menos que a falta fosse terrível. Sua filha, que vinha com ele, mais tranquila, sabia que

o que lhe era mais triste no mundo aconteceria, seus pais iriam discutir.

— Mãe, em parte foi minha culpa, — sua mãe a olhou de pé, ereta e furiosa. Ainda que com sua pequena estatura, era impressionante. Questionou-a com o olhar.

— Eu sabia o que ele queria fazer, ontem... bom, deixou-me claras suas intenções, e aceitei montar com ele no cavalo — não lhes contava toda a verdade, mas somente até onde podia.

— Você o provocou? — Sua mãe não podia acreditar, mas precisava saber a verdade.

Hrolf não podia ficar calado, vendo como jogavam a culpa em sua amada, de algo que somente ele era culpado.

— Ela me provoca só existindo, mas se quer dizer, que ela se insinuou de alguma forma, não, ela me rechaçou desde o primeiro momento. Somente aceitou que eu a levasse no cavalo, para protegê-la — Hrolf apesar de tudo, parecia defendê-la. Erik o olhava com aprovação, até Yvette começou a fazê-lo. Erika, ao se dar conta da mudança de atitude de seus pais, tranquilizou-se:

— Então, podemos fazer de conta que não aconteceu nada, não é verdade? — Os outros três a olharam como se fosse uma menina inocente, mas assentiram. Sabiam que logo precisaria tomar decisões, mas de momento deixariam que fosse feliz.

— Bem, então vou visitar Marianus.

— Acompanho você, — Hrolf deu um passo antes que ela pudesse protestar. Ela olhou para seus pais, que haviam ficado curiosamente calados, e saiu à rua seguida por Hrolf.

Passaram alguns segundos, antes que Yvette se decidisse

a falar.

— Isto muda as coisas, — sussurrou pensativa.

— Sim — Ele se aproximou dela, contente ao ver quão rápido sua mulher perdoava, como sempre. — o que tem a dizer?

— Não sei, foi tudo tão rápido, mas acredito que... — hesitou um momento, — estou de acordo com você. Erika parece que brilha quando está junto dele, e ele está dependente dela, além disso, você tem razão, protege-a como um lobo a sua manada.

— Ela faz o mesmo, se visse o que dizia no aposento, “ele não tem culpa de nada, foi minha culpa...” — imitou sua filha — estava me enlouquecendo, — ele olhou para sua mulher, mas ela lhe ocultava o rosto. Levantou-lhe o queixo com carinho, ela estava chorando. Yvete se justificou:

— Ele está muito longe, com o Siward ela estaria aqui ao lado, nós a veríamos todos os dias.

— Mas ela não seria feliz, você sabe, fomos muito egoístas consentindo esse noivado. Você me fez prometer, que deixaríamos que todos se casassem, quando encontrassem a sua alma gêmea.

— Sim, mas ela é minha menina — abraçou-se a ele chorando.

— Sempre será, mas também é uma mulher querida, — beijou-a no cocuruto, abraçando-a fortemente contra ele — iremos vê-la frequentemente, e me assegurarei de que eles venham — Ela levantou o rosto, e ele aproveitou a oportunidade para lhe dar um beijo apaixonado.

— Não deveria ter vindo Hrolf, meus pais vão formar uma ideia equivocada. Estou prometida para Siward, e vou me casar com ele, você não deve me acompanhar a nenhum lugar, — pareceu-lhe que havia sido convincente, estivera praticando em seus aposentos.

— Brigaremos por você, é o justo, deve me dar a oportunidade de fazê-lo, os deuses decidirão quem a merece mais. — Ele parecia tão decidido, e tão sério, que ela o olhava de esguelha.

Haviam chegado à cabana de Marianus, mas antes de entrar, ela respondeu:

— Acredito que os deuses teriam pouco a ver com isso. Se você não fosse tão forte e tivesse tanto músculo, certamente não teria tanta vontade de brigar com ele — Hrolf riu até as gargalhadas ao escutá-la, ela se zangou consigo mesma ao se dar conta de que, sem querer, havia elogiado o corpo dele. Entrou seguida por suas gargalhadas, deu-lhe com a porta no nariz fechando-a com força, mas ele voltou a abri-la e a seguiu.

— Marianus! — Ela olhou à esquerda, à sala onde ensinavam as crianças, várias vezes por semana, mas não havia ninguém. Seguiu para seus aposentos, preocupada, o gigante ia junto dela. Ela se virou, porque sentia seu fôlego na nuca:

— Afaste-se um pouco, pelo menos! — Ele franziu o cenho para que ela visse, mas assim que se voltou, sorriu, pensando que ela já parecia uma esposa resmungona. Gostava como Yvette tratava ao Erik, e lhe parecia que ela seria igual com ele. Somente precisava conseguir que ela o aceitasse.

Ante outra porta fechada, ela chamou e quando se escutou uma voz de homem que lhe disse que entrasse, ela o fez.

— Marianus, bom dia, como se encontra? — Era um dormitório. Na cama havia um homem muito velho, fraco, com o cabelo branco, e que estava lendo um livro enorme. Estava sentado na cama, vestido com o que parecia uma camisola branca. Erika se aproximou dele e lhe deu um beijo na bochecha, depois se sentou na beira da cama. Marianus assinalou o desconhecido cuja cabeça quase roçava o teto de sua cabana,

— Quem é?

— Hrolf — ele o olhou assombrado, nunca vira um homem tão velho. Em sua terra morriam todos, muito antes de ter o cabelo dessa cor, geralmente pelas guerras, ou pelas brigas entre eles. Observou como ele olhava aos dois, e lhe fez um sinal para que se aproximasse.

— Aproxime-se moço, não vejo nada de longe, precisará chegar muito mais perto, para que eu veja bem seu rosto. Menina, deixe que ele se sente na cama, para que eu possa vê-lo. — Ela se levantou advertindo Hrolf com o olhar. Se ele o incomodasse de qualquer maneira, ela lhe arrancaria os pelos da barba, um a um.

Hrolf se sentou na cama, que estava sobre um soalho de madeira, e que rangeu ao sentir seu peso. O velho o olhou entrecerrando os olhos cheios de rugas, e se inclinou para ele:

— Ah! Vejo que é como o marido da minha Yvette — voltou a se apoiar na parede, e olhou para Erika — não entendo,

acreditei que você se casaria com Siward, — ele parecia surpreso.

— E vou me casar com ele, — ela afirmou, mais para escutar a si mesma, do que por convencimento.

— Não, não o fará. — Ele já estava farto, se precisasse raptá-la, faria, mas não consentiria que se casasse com outro.

— Não lhe dê atenção Marianus, farei, casar-me-ei com Siward. — Ela levantou a voz sem se dar conta, porque lhe parecia que ninguém a levava a sério. Desde que este homem aparecera em sua vida, tudo havia mudado. Veria Siward, e certamente voltaria mais convencida de que fazia o correto. — Marianus, trouxeram-lhe o café da manhã?

— Sim, filha não se preocupe. — Ela assentiu e voltou a lhe dar um beijo na bochecha.

— Vou, logo voltarei para vê-lo — Hrolf se levantou depois dela, mas a mão do ancião lhe freou por um momento, embora tenha esperado que ela se fosse antes de falar.

— Se lhe fizer algo ruim, que Deus me perdoe, mas me ocuparei de que pague. Além disso, que Deus o abençoe.

Hrolf saiu dali sem entender absolutamente nada do que ele lhe havia dito. Acelerou o passo para alcançar sua mulher, não consentiria que fosse visitar outro homem sozinha.



Erika entrou no salão para falar com seus pais que estavam sentados tomando o café da manhã, seus irmãos também estavam junto a eles. Ela parou franzindo o cenho ao

vê-los, havia algo estranho no ambiente, normalmente seus irmãos estariam discutindo entre eles, enlouquecendo seus pais, entretanto, estavam mais calados do que um morto. Entrou franzindo o cenho. Nenhum deles disse nada sobre o fato de que Hrolf viesse atrás dela.

— Que bom filha! Venham se sentar, não tomaram o café da manhã, há para todos, — sua mãe assinalou dois assentos livres junto a eles. Rognvald, Ragnar e Gunnar, estavam comendo tranquilamente, falando de onde caçariam essa manhã. Como se no dia anterior Ragnar não tivesse tentado brigar com Hrolf. Ali acontecia algo. Estava estranhando tanto, que se sentou olhando ao redor, com o cenho franzido, decidida a descobrir o que acontecia.

— Por certo, mandei ao Seren a casa de Siward, para que venham, ele e toda sua família virão para comer hoje, — seu pai disse aquilo como se não tivesse importância, mas ela olhou a sua mãe estranhando, Yvette a olhou sorridente, como se não houvesse nada que ocultar. O que estava acontecendo ali?

De repente, todos estavam em silêncio, esperando sua reação, sem comer, ela olhou a todos:

— Mas o que está acontecendo? — Seus irmãos voltaram a comer, obrigados pelo olhar de seu pai, que lhes prometia umas palavras mais tarde por não fazerem o que lhes fora ordenado: que não deviam incomodar o estrangeiro, e nada das broncas habituais, nem das discussões entre eles na refeição. Mas como era de supor, eles haviam ficado olhando-o curiosos.

— Nada filha, — a mãe tentou sorrir — seu pai falou e nos pareceu bem convidá-los, para que passemos uma tarde

agradável, as duas famílias.

Erika revirou os olhos.

Hrolf, que começara a tomar o café da manhã assim que se sentou, continuava fazendo-o sem tentar entender aquela família, já se dera conta de que era impossível fazê-lo. Aceitaria as coisas como viessem, continuou comendo, indiferente ao que se falava ao seu redor.

Em seu interior sentia uma exigência cada vez mais forte, que precisaria escutar cedo ou tarde, e que era provocada pela mulher que estava sentada em frente a ele, sem mesmo saber. E essa exigência era que não poderia abandonar aquela casa sem ela.



CAPÍTULO VII

Siward e seus pais chegaram à granja pontualmente, Hrolf observou o noivo com os olhos entrecerrados, medindo seu rival. Ele estava perfeitamente vestido para a ocasião, com uma camisa, túnica, calças e capa em conjunto, esta recolhida sobre seu ombro esquerdo com um broche de ouro. Toda sua roupa era de cores vistosas. Para Hrolf parecia um galo no galinheiro.

Ele se vestia sempre com cores muito mais escuras, e com simplicidade. Siward, ao chegar, agarrou a mão de Erika delicadamente, e lhe deu um beijo no dorso. Hrolf grunhiu ao vê-lo, nesse momento recebeu uma palmada nas costas, voltou-se para aquele que queria ficar sem mão, era Bjarni. O único de seus amigos, que se atrevia a lhe fazer essas brincadeiras. Olhou-o com cara de aborrecimento, e continuou vigiando àquele corvo que grasnava perto de sua companheira.

— O que vai fazer? Vai ficar esperando de braços cruzados, que outro a leve? — Na noite anterior, já tinha explicado a todos, o que Erick acreditava. Que se um *berserker* encontrasse sua escolhida, podia mudar seu destino, e ter a

vida de um homem normal. A atitude de todos, depois de sabê-lo, era diferente, haviam chegado ali meio derrotados, depois da morte de Beothuk, e agora todos renovavam a esperança. Olhou de novo para seu amigo. Ao contrário dele, era muito bonito, além de ser o homem mais simpático que conhecia. Bjarni sempre ganhava todas as mulheres.

— Estou imaginando o quanto me deliciaria, separando os braços e as pernas do seu corpo — Bjarni fez uma careta de dor, ao imaginar aquilo também. Hrolf havia falado com a voz do *berserker*, e cada vez era mais recorrente escutá-la. E os dois sabiam o que isso significava.

— Amigo, precisa se decidir, não pode continuar atrás dela como um cachorrinho sem lar. Assim ela não o respeitará nunca, nem ela, nem seus pais.

— Sei, — ele assentiu — tomei uma decisão, vamos esta noite, quando todos forem dormir. Procurarei uma desculpa para que ela saia, possivelmente que o monge está ruim, e então, amordaço-a e a levo aos estábulos, precisam ter os cavalos preparados. — Seu amigo assentiu — Conto com vocês? — Bjarni lhe ofereceu seu braço, agarraram-se cada um no antebraço do outro, e assentindo Bjarni disse:

— Até a morte, você sabe.

— Bem, vá dizer ao Leif e Thorvald — Bjarni desapareceu sem fazer ruído. Ele continuou olhando-a, apoiado na parede da entrada, na sombra. Ali não podiam vê-lo. Mas ela levantou o olhar do jantar e olhou para ele. Não podia vê-lo, estava seguro, mas por algum motivo, apagou o riso de sua face.

— O que você está fazendo moço? — Ele se voltou para seu

anfitrião, que um minuto antes, estava sentado à mesa junto a sua mulher, nem o havia visto se levantar.

— Só olhava, — justificou-se.

— Faz mais que isso. — Por um segundo, Erik deixou ver o azul do *berserker* em seus olhos, mas Hrolf não se assustaria, e respondeu com o mesmo olhar e um grunhido.

— Já vejo que tem vontade de briga — continuaram se olhando nos olhos, sem falar, parados de pé, com os corpos em tensão.

— Não quero brigar com você, ela não me perdoaria por isso — Erik sorriu ao escutá-lo.

— Pela primeira vez diz algo com sentido. Começa a nos conhecer, esta não é uma família normal, como as que formam os de nossa raça. Nossa família está unida por um forte vínculo de carinho. Meus filhos, igual a nós dois, também adoram a irmã. Não sabem nada do que está acontecendo, então, não os deixariam em paz. Somente lhes ordenei que se comportem e não o provoquem.

— Por que é tão amável comigo? Ela está prometida, — ele assinalou o pássaro emplumado, que adorava ser o centro das atenções.

— Pode ser porque você está aqui, às escuras, olhando-a como se ela fosse o ar que necessita para respirar, e ele a olha como se fosse um troféu. E minha filha não é um troféu para ninguém, ela vale muito mais do que você e do que eu — olhou para Erika um momento antes de continuar. — E, porque a conheço, sei que com ele não será feliz — voltou o olhar ardente do *berserker* para ele — sua mãe e eu conversamos. Precisar

raptá-la, ela não vai aceitar ir com você, pelo menos neste momento, é muito teimosa, — ele sorriu peralta, — sei o que digo, saiu a mim. — Hrolf não foi capaz de responder, ficou petrificado. E isso não lhe acontecia nunca.

— Parece-me mentira que eu esteja lhe dizendo isto, mas a única coisa que quero na vida, antes de morrer, é que meus filhos sejam felizes, bom, e eu também, é claro, — ele brincou, embora Hrolf fosse consciente, nesse momento, do profundo amor que devia sentir por sua filha, para lhe dizer aquilo.

Hrolf o olhou assombrado, assentiu sério e esticou, hesitante, seu braço para saudar aquele homem tão surpreendente. Saudaram-se com respeito, conscientes da importância do que estava sendo decidido naquela conversa.

— Prefiro não saber os detalhes, somente outra coisa, trate-a bem, se não o fizer, eu o esquartejarei e lançarei como comida aos animais. E assegure-se de fazê-la feliz, em algumas semanas iremos vê-los. — Algumas horas antes, havia pedido que lhe explicasse, com um mapa, onde vivia — Minha filha foi criada com amor, é forte, mas não consentirei que não o receba da parte de seu companheiro — parecia que sairia, mas, depois de pensar alguns instantes disse: — Ah! A mãe dela quer que você leve o que tem na arca dos aposentos dela, diz que tudo será mais fácil para ela se tiver algumas de suas coisas. — Hrolf assentiu de novo e o seguiu com o olhar quando ele se foi. Durante alguns segundos duvidou se não teria sonhado tudo.



Erik voltou junto a sua mulher e bebeu uma pele de hidromel sem respirar. Ela se empertigou no assento e observou sua filha. Parecia apagada, quando não via ninguém olhando, procurava o estrangeiro com o olhar.

— Está feito despeça-se dela esta noite — Yvette também deu um gole no hidromel, embora não costumasse fazê-lo. Assentiu triste e agarrou a mão de seu marido.

— Por que a vida é tão dolorosa? — Ele sorriu, limpando a lágrima que caía de um dos formosos olhos dela.



Seus pais estiveram especialmente carinhosos essa noite, deitou-se sobre a cama entre risadas, já que havia bebido hidromel, algo que não estava acostumada a fazer. Mas é que havia se sentido estranha durante o jantar, excitada, sabia que ele estivera olhando-a toda a noite. Sentia seu olhar sobre sua pele esquentando-a por dentro. Siward, como era habitual nele, não se dera conta de nada. Não tivera consciência até esse momento, ou não havia se importado, de quanto gostava de ser o centro das atenções. Sentaram-se com seus amigos, e ele ficara falando constantemente dele, de sua roupa, de sua casa, ela não havia aberto a boca.

Esticou os braços sobre a cabeça, não havia tirado a roupa ainda, bocejou enquanto se perguntava se Siward a amava. Nunca havia perguntado, aceitara o casamento, pensando mais que nada em seus pais, em não se separar deles. Amava-os muito, não poderia ir dali, nem em mil anos.

No dia seguinte teria muitas coisas para decidir, Siward lhe havia dito que queria que ela marcasse um dia para o casamento, o dia da colheita poderia ser bom. Fechou os olhos sorrindo, imaginando suas bodas, em pleno verão, com seus pais. Franziu o cenho, o noivo não parecia Siward, era muito alto, e seus olhos possuíam um azul hipnótico... não, aquele não era Siward.



Hrolf fez um gesto a seus três amigos, que fingiam estar bêbados como a maioria dos que estavam no salão, e que, nesse momento, saíram correndo para os estábulos. Precisavam selar os cavalos, e recolher as armas, os mantimentos e a água que esconderam. Ele deslizou pelos corredores, com um sigilo impróprio para um homem de seu tamanho, e foi até os aposentos dela. Abriu a porta com cuidado, mas ela estava adormecida em cima da cama, ainda vestida. Os Deuses lhe favoreciam até esse momento. Procurou pelo ambiente, até ver a arca, abriu-a, e encheu com seu conteúdo o saco que havia levado, havia alguns vestidos, uma escova para o cabelo e um espelho. Não lhe parecia que aquilo fosse tão necessário, mas atenderia a mãe dela. Deixou o saco na entrada, e a amordaçou sem despertá-la, quando estava lhe amarrando os pulsos, ela abriu os olhos e começou a gemer. Não deu atenção, e a jogou ao ombro, agarrou o saco e saiu do aposento fechando a porta. Quando saiu da casa, correu como pode, até os estábulos onde tudo estava preparado. Lançou

para Bjarni o saco com a roupa, e a sentou em seu cavalo, montando atrás. Seus amigos e ele se entendiam sem falar, assim saíram a galope dali, sem haver dito uma só palavra. Era noite, mas o caminho estava iluminado pela lua cheia.

Erik e Yvette, agarrados pela mão, observaram o rapto de sua filha da porta de sua casa. Yvette, quando os viu desaparecer, começou a soluçar. Erik agarrou-a nos braços e a levou à cama, sentindo o mesmo que sua mulher. Sua filhinha se foi para longe, podiam somente esperar ter tomado a melhor decisão. Em algumas semanas, iriam vê-la, mas durante aquele tempo poderiam acontecer muitas coisas.



Erika não podia acreditar no que lhe estava acontecendo, ela que sempre vivera com sua família, onde sabia que todos a amavam, de repente estava rodeada de inimigos e estava indo a algum lugar desconhecido. Hrolf sentou-a no cavalo, o mais cômoda possível, mas ela se negava a apoiar-se nele. Estava tão zangada e assustada, que estava segura de que não voltaria a falar com ele, nunca. Ele insistia em puxá-la para seu peito, mas ela resistia e se voltava à frente.

— Apoie-se em mim Erika! — Ele grunhiu furioso, a resposta dela se perdeu atrás da mordança. Aproveitou o fato de que o cavalo ia ao trote, pois já estavam chegando à baía onde estava seu navio, e desamarrou os nós com uma mão e com os dentes, para não soltar sua cintura, nem as rédeas do cavalo.

Quando a soltou, ela se voltou e pôde lhe ver o rosto, o

tecido havia deixado algumas marcas vermelhas e feias nos lados da boca e lhe olhava com ódio. Ele sentiu uma opressão no peito ao vê-la, não podia suportar que ela o odiasse.

— Devolva-me a minha casa, Hrolf! — Ele franziu o cenho ao se dar conta, de que seria difícil conseguir que ela aceitasse sua nova vida.

— Não, a partir de agora, aquela já não é sua casa, vamos, apoie-se em mim — puxou-a para ele, mas ela se remexeu gritando. Começou a gritar de tal maneira que Bjarni, que ia atrás dele se adiantou colocando seu cavalo ao lado do dele.

— Necessita ajuda Hrolf? Quer que eu a leve? — Ele sorriu para Erika, conseguindo que o *Berserker* rugisse furioso, somente por pensar que outro homem pudesse tocá-la.

— Não! Ocupe de seus assuntos! — Ela continuava gritando, chamando seus pais. Chegaram ao povoado onde estava amarrado o navio, por isso ele voltou a colocar a mordação. Ela resistiu contra ele, mas ele lhe apertou mais a cintura, para assegurar-se de que não caísse, então ela se calou, ao notar que lhe faltava a respiração.

Chegaram ao navio poucos minutos depois. Seus homens se adiantaram a devolver os cavalos aos estábulos. Felizmente não cruzaram com ninguém, por isso não houve quem se surpreendesse ao ver um viking enorme como ele, arrastando uma garota amordaçada e com as mãos amarradas. Então, levou-a ao navio. Ao ver que insistia em tentar escapar, em três vezes, colocou-a em cima da arca que havia atrás do leme, amarrando-a para que não pudesse se levantar. Pelo menos durante um momento não podia continuar segurando-a,

precisava ajudar para entrarem em alto mar. Sempre dirigia o leme, pelo menos nas primeiras horas.

Nem sequer o olhou, mantinha o olhar fixo na direção onde estava sua casa, sem parar de chorar, ele a agarrou pelo queixo para que o olhasse:

— Quanto antes aceite à ideia de que sua vida está comigo, tudo será mais fácil para nós dois — ela continuava amordaçada, não lhe tiraria a mordaça até estar em alto mar. Girou, ao escutar seus homens que voltavam. Ordenou-lhes, com mais brutalidade do que a habitual, que comesçassem seu trabalho preparando o navio para sair. Alguns minutos depois, estavam em marcha. Voltavam para casa.

Quando anoiteceu, deixou o leme para Leif, era o melhor timoneiro, depois dele. Ela havia adormecido um pouco antes, ele a escutara chorar, gemendo como um animal ferido até que dormiu esgotada. Ele havia endurecido seu coração. Sua sobrevivência e a de seus irmãos dependiam de que fosse firme, e não se deixasse abrandar por algumas lágrimas. Desamarrou-a, e tirou a mordaça observando um pouco assustado, as marcas provocadas pelo tecido na boca. Desamarrou-a e olhou seus pulsos, estavam esfolados, grunhiu zangado pela excessiva delicadeza de sua pele. Desceu com ela ao único dormitório que havia sob o convés, o resto era depósito. Ela não despertou, devia estar esgotada, era o melhor que podia acontecer agora. Deixou-a no catre e subiu para falar com Bjarni.

— Necessito que me dê o unguento para feridas — o homem, que estava sentado na arca, no qual até faz um

momento ela estivera, olhou-o surpreso.

— Hrolf, você fez algo com ela?

— Não, ela tem arranhões na pele, está esfolada pelas cordas, e no rosto pela mordaca. É muito frágil, — grunhiu zangado. Bjarni o olhou apreensivo e assentiu. Conhecia seu amigo, e quando estava assim, era melhor não contrariá-lo. Levantou-se, abriu a arca e tirou o frasco que ele pedia.

— Se for tão delicada, tome cuidado com ela, — não conseguiu evitar dizer aquilo e Hrolf lhe devolveu um olhar assassino, de um azul profundo, e voltou para o camarote.

Quando entrou, surpreendeu-se de não vê-la deitada, estava de pé em um canto do camarote, ela descobrira o cofre que havia junto à mesa, onde ele guardava suas coisas. Entre elas, uma adaga que agora estava em sua mão direita e com o qual o ameaçava.

— Quero que faça o navio voltar, deixe-me no porto e se vá, eu irei para minha casa. — Hrolf sentiu um grande calor por dentro, o *berserker* estava tomando o controle de seu corpo, lutou para que não o fizesse, não podia deixar que ele a machucasse. Mas a fúria, ao pensar que ela queria abandoná-lo, era muito grande. Sorriu com maldade e respondeu com outra voz que não era a sua:

— Sua casa está onde eu estiver, você nunca me deixará, — ela o olhou fixamente, assustada. Apesar de que seu pai era um *berserker*, igual a seus irmãos, nunca os havia visto assim. Sentiu medo.

Ele se enfureceu mais ao vê-la assustada, o que fez com que o *berserker* incrementasse seu poder sobre ele. Foi se

aproximando dela devagar, sem deixar de sorrir.

— Não se aproxime mais! — Ela esticou o braço onde estava a adaga, que começou a tremer de medo. Hrolf continuava se aproximando e sorrindo, mas não era um sorriso divertido. Quando estava quase ao alcance de seu braço, parou em frente a ela.

— Quer me matar? — Ela negou com a cabeça, com as lágrimas nos olhos.

— Nunca havia chorado tanto como fiz desde que o conheço. Por favor, devolva-me aos meus pais! — Ela soluçou desesperada. Ele deu um salto e lhe agarrou as mãos, ela lutou, e ele, decidido a tirar dela, agarrou a adaga pelo fio, por isso cortou a palma da mão. Ela ao notar que o havia ferido, deixou cair a adaga ao chão, levando as mãos à boca.

— Teria que ter segurado melhor a adaga, nunca voltará a ter outra oportunidade como esta, — ele jurou, magoado porque ela quis feri-lo, mais do que pela ferida em si. Lançou uma olhada para sua mão que jorrava sangue, e, depois, com o olhar mais feroz do que nunca, pegou o decote do vestido dela com as duas mãos, e o rasgou até a cintura.

Os seios de Erika saltaram livres, ele a agarrou pela cintura, e a levantou para poder aproximar um deles até sua boca, lambeu-o e mordiscou o mamilo até que se cansou de fazê-lo, e foi para o outro. Levou-a até a mesa, onde a sentou, colocando-se entre suas pernas. Empurrou-a até fazê-la deitar-se, ela se sentia como hipnotizada por seus olhos, deles saltavam faíscas de luz, olhou sua mão, continuava sangrando, mas não parecia se importar. Terminou de tirar os restos do

vestido e a regata, deixando-a nua. Ela se tapou como pode com as mãos. Estava assustada e envergonhada.

— Não! — Proibiu-lhe tirando as mãos, — não se cubra! — ao ver que ela não o ouvia, voltou a amarrar suas mãos. Ela não disse nada, prometeu que não choraria. Não se desonraria mais, nem a sua família, fazendo-o. Olhou-o de frente.

— Beije-me, — ela virou o rosto para não fazê-lo, não o beijaria mais, preferia morrer. Ele continuou insistindo, segurando seu rosto, mas ela se negou a abrir os lábios, ele, zangado, mordeu-os. Quando a olhou, viu que causara um pouco de sangue no lábio e o lambeu. Beijou-a de novo, mas ela voltou a afastar o rosto.

Ele, então, desceu por seu corpo, para separar os cachos de seu sexo e beber dela.

Erika não podia consentir que ele a fizesse sentir-se como na última vez, parecia-lhe uma humilhação. Concentrou-se nos campos de sua casa, no que sentia quando montava um cavalo, nos abraços de sua família, mas chegou um momento, que as demandas de seu corpo eram muito grandes. Voltou à realidade para sentir como ele sorvia seu clitóris, enquanto colocava e tirava dois dedos de seu sexo.

— Quero que goze em minha boca! — Ele continuou se movendo até que ela sentiu, contra sua vontade, que voltava a tocar o céu, seus quadris se moviam inconscientemente. Ele se afastou dela chupando os dedos, jogou-lhe outro olhar malvado.

— Agora será minha para sempre.

Ela abriu os olhos, completamente, ao vê-lo despir-se,

quando observou seu pênis, ereto, e que lhe pareceu enorme, começou a ficar rubra e olhou para outro lugar, provocando que ele risse, a gargalhadas. Então a levou ao catre deitando-se em cima dela. Com as pernas empurrou suas coxas para abri-las ao máximo, enquanto a observava com paixão. Ela deixou de olhá-lo, não podia suportar o olhar de seus olhos, transpassavam-na.

— Olhe para mim, maldita seja! — Mas ela não o fez, ele zangado, agarrou-a pela mandíbula, e tentou beijá-la de novo, mas ela não o deixou. O *berserker* estava cada vez mais nervoso, ele tomou seu pênis com a mão, e o aproximou da entrada do sexo dela. Colocou somente a ponta, forçando-se a não fazê-lo tudo de uma vez, ela era muito estreita, precisava prepará-la, para que se excitasse mais. Ela tentava se manter afastada, não consentiria. Recordando-se do quanto ela gostava que ele lhe chupasse os seios, voltou a fazê-lo, sorvendo os mamilos, sugando-os quase até a dor. Ele a olhou abrindo a boca, enquanto chupava um deles, com os dedos puxou o outro, o que fez com que ela já não pudesse aguentar o gemido de prazer. Fechou os olhos e, então, ele se impulsionou dentro dela.

Ficou naquela cova úmida, quieto, enquanto a beijava por todo o rosto. Ela não parecia sofrer por sua intrusão, pareceu-lhe estranho, sabia que as mulheres, na primeira vez sentiam dor, mas ela não parecia sentir. Continuava com os olhos fechados, mas agora um pequeno sorriso adornava sua face.

Saiu dela com um movimento de quadris, e, com outro, voltou a entrar, ela pousou as mãos em seus ombros, como se

precisasse segurar-se em algum lugar para não cair. Hrolf não pôde evitar ir cada vez mais depressa, precisava preenchê-la com seu líquido de vida. Ela era dele, e sempre o seria, não importava o que ela acreditasse, nem ninguém. Também ele, era dela.

Quando se descarregou em seu sexo, era como se finalmente tivesse chegado a casa, nunca tivera um lar de verdade, até ela. Deitou-se na cama de barriga para cima, atraindo-a para ele, ligando-a ao seu quadril. Queria que ela estivesse junto a sua pele. Precisava escutar seu coração. Olhou-a, ela olhava a parede a sua frente.

Nenhum dos dois falou, mas ele precisava descansar. Envolveu o braço em torno da cintura dela, para que ela não pudesse escapar e fechou os olhos dormindo imediatamente.



CAPÍTULO VIII

Os dias transcorriam depressa. Quando se levantava, Hrolf a fazia ficar no convés por algumas horas, para tomar ar. Apesar disso ela não estava bem, estava muito pálida. Ela sabia o porquê, era que não comia nada. O que os outros comiam como carne e pescado era muito pesado, ela não conseguia reter no estômago. Davam-lhe ânsias somente ao cheirar, assim, estava praticamente vivendo de água. Nenhum deles parecia ter se dado conta, três vezes ao dia, Hrolf comia junto com ela uma parte de pescado ou de carne e dava a ela outra. Erika fingia mastigar até que ele se levantava para ajudar no navio. Ela, depois, guardava todas as partes na arca, sob as roupas dele.

Levavam já, quatro dias de viagem, e pelo que ela ouvira falar, ficavam outros dois, já que o vento estava sendo muito favorável, e demorariam um dia a menos do que o esperado.

Bjarni era o mais agradável de todos os que viajavam no navio com ela. Quando a via passeando ou sentada no banco, sempre se aproximava para saudá-la, apesar de que Hrolf

sempre o chamava, ou lhe advertia diretamente, porque não queria vê-lo perto de Erika.

Pelas noites, praticamente não a deixava dormir, era incansável, buscava-a todas as noites, três ou quatro vezes. Ela dormia pela manhã até o meio-dia, esgotada. E por causa das noites insones e pela falta de alimento, estava sempre cansada.

Acabara de levantar, e se lavara com a água da bacia, já que Hrolf se encarregava de descer todos os dias, uma jarra de água limpa. Já vestida, subiu e se sentou no banco atrás de Hrolf, observando suas costas. Ele lhe dirigira um longo olhar quando havia subido, e depois assumira o leme. Bjarni, alheio ao olhar de seu amigo, aproximou-se dela, observando seu rosto.

— Bom dia formosa Erika! — Ele ignorou o grunhido de Hrolf. — Como se encontra nesta manhã?

— Bem, obrigada, — ela sussurrou, na realidade se sentia bastante fraca. Decidiu ir ao camarote outra vez. Sentia vontade de vomitar, como se tivesse comido e lhe tivesse sentado mal, — acredito que vou descer outra vez — levantou-se com esforço. Hrolf se voltou para ela com o cenho franzido, escutava a debilidade em sua voz. Ela riu baixinho, como se estivesse bêbada, tudo se movia diante dela, como se dançasse. Então, desmaiou.

Desceu-a nos braços ao camarote, nesse momento, ao carregá-la em seus braços outra vez, ficou consciente de que ela estava mais magra. Todas as noites a fazia sua na cama, sem descanso, tentando marcar sua alma para que ela soubesse que lhe pertencia, mas naqueles momentos, o

berserker o possuía quase totalmente e ele não via nada mais além de seu instinto animal. Mas agora, preocupado pelo desmaio, ficou consciente da delicadeza e fragilidade de seu corpo. Deitou-a no catre, Bjarni havia descido com ele, e rondava pelo local.

— Ela tem muitas olheiras, não notou? E está muito branca, além disso, juraria que está mais magra. Ela está comendo bem Hrolf? — Ele ia assentir, quando se deu conta de que não a vira realmente comer uma parte de carne, nem de pescado inteiro.

— Não sei, — ele grunhiu furioso consigo mesmo, — mas não sei o que ela teria feito com a comida, se a tivesse atirado pela amurada, algum de nós a teria visto fazê-lo. Olhou ao seu redor, e seu olhar caiu sobre o saco onde estava a roupa, esvaziou-o sobre a cama. Ali só havia roupa. Bjarni lhe chamou e levantou o olhar, estava ajoelhado em frente à arca aberta. No fundo estava tudo o que não ela não comera durante cinco dias. Seu coração se encolheu ao pensar que ela poderia morrer, isso não podia acontecer. Foi à cama, e se ajoelhou diante dela, esfregando-lhe as mãos com as suas, chamando-a. Escutou seu coração, pulsava, senão, o seu deixaria de fazê-lo.

— Deve estar muito fraca — Bjarni parecia preocupado. Estava pensando que, vendo os olhos de seu amigo, se algo acontecesse com ela, não conseguiriam resgatá-lo da loucura.

— Bjarni, desdobre as velas totalmente, e remem se o vento não for suficiente, quero chegar o quanto antes possível a casa. Gida precisará atendê-la.

— Tem certeza? — Hrolf o olhou com os olhos já totalmente

fluorescentes

— O que quer dizer?

— Não precisa se ser muito esperto para saber como Gida reagirá, quando vir Erika, teremos sorte se ela não a assassinar.

— Mentirei, direi que é uma escrava, filha de um inimigo. Quando se curar, direi a verdade, que ela é minha companheira.

— Será capaz de continuar se deitando com ela com Erika ali? Porque você já sabe que Gida não admitirá outra coisa.

— Sei, — ele olhou a jovem e frágil mulher que, em tão poucos dias, transformou-se em sua vida, — seria capaz de tudo por ela. Tocou sua testa, estava fria, tomou suas mãos entre as dele para esquentá-las — farei o que precisar para que ela se recupere. Bjarni o olhou compassivo, seu amigo não tinha consciência do perigo em que colocaria aquela jovem pela qual ele suspirava.



Deixaram o navio na praia, em sua granja e subiram o caminho que levava aos campos. Foram todos em silêncio, Erika despertara algumas vezes, e só bebia água. Hrolf andava quase correndo, até que chegaram à casa grande. Alguns serventes os rodeavam olhando para Erika, isso fez que ele se revolvesse:

— Vocês não têm nada a fazer? — Parecia que ele estava perdendo a razão. Desde que ela ficara desacordada, ele não

havia sido capaz de comer, nem de dormir. Entrou na casa, Gida vinha correndo pelo longo corredor, mas parou de fazê-lo quando viu que ele levava outra mulher nos braços. Parou em frente a ele, desconfiada, colocando as mãos nos quadris, disposta a montar um escândalo:

— Quem é essa criança? — Hrolf não respondeu, sabia que a intenção era insultá-la. Apesar de que, Gida media praticamente o mesmo dele, e Erika era muito menor, via-se claramente que era uma mulher.

— É uma escrava, espero cobrar um resgate por ela, então, ninguém pode castigá-la, exceto eu, de acordo? — Ele conhecia a crueldade de Gida, olhou-a nos olhos e ela assentiu lambendo os lábios. Algo dentro dele se retorceu ao pensar em se deitar com ela, como se sentisse asco. Mas faria o que fosse preciso, para que ela ficasse bem.

— Necessito que a atenda, está há vários dias sem comer, está muito fraca.

— Não se preocupe, farei com que fique boa, para que a possa mandar de volta para sua família, e ganhe muito dinheiro. Vamos, nós a levaremos até o local das escravas.

Ele a seguiu, apertando à moça contra si, tentando aceitar à ideia de que dormiriam separados. Deitou-a em um chergão de palha no chão, no alojamento das escravas, e tentou ficar ali, mas Gida lhe disse que atrapalhava, então se foi aos campos para ver como correria tudo por ali, enquanto ele estivera ausente.

Deu uma volta pela granja e falou com os serventes. Seus companheiros de viagem já haviam ido para suas casas, todos

eles possuíam suas próprias granjas para atender. Bjarni antes de ir, tornado a lhe dizer que tomasse cuidado com Gida.

Voltou para o alojamento para vê-la. Gida tentava que ela tomasse um caldo, mas ela, meio adormecida se negava. Gida havia derrubado a metade do líquido sobre os seios.

— Gida! O que faz? — A morena se voltou, assustada.

— Estou lhe dando o caldo, mas ela é muito rebelde — Erika estava acordada, olhou-a com aspecto de estar aterrorizada. Ele se ajoelhou junto às duas. Gida havia derramado todo o caldo.

— Busque outra, eu a darei. — Ele olhou-a furioso.

— Mas... — Ela parecia não querer que ele o fizesse.

— Obedeça! Leve para meu aposento. — Ele levou Erika à sua cama, ela estava gelada. Acendeu o fogo, a lareira estava apagada porque era verão, embora refrescasse a noite.

— Hrolf — Ela sussurrou, e ele correu para ela. Dizia-lhe algo, mas não a entendia, pois ela quase não tinha mais forças, abaixou-se para escutá-la melhor.

— Fale Erika, diga-me, — ele sussurrou com o ouvido pego a sua boca.

— Não a deixe comigo, por favor, ela quer me matar. Se quiser que eu morra, mate-me rapidamente.

— O que diz?

Gida entrava no local com outra terrina. Hrolf a olhou com suspeita e esticou a mão.

— Entregue isso, agarrou-a e a cheirou, cheirava somente a caldo, — prove-a Gida, diante de mim. — A mulher ficou pálida com o pedido e negou com a cabeça, dando um passo

para trás. Ele lançou a terrina na lareira, onde o conteúdo chispou contra o fogo, a chama tremeu durante um momento, para arder em seguida muito mais forte.

— Saia desta casa e não volte! — Ele rugiu. Gida começou a soluçar, e se ajoelhou lhe agarrando a perna, pedindo perdão.

— Sinto muito, não voltará a acontecer! Juro-lhe isso! Eu servirei fielmente...

— Por que quis matá-la? — Ele estava assombrado ao ver a cruel Gida chorar.

— Vi como você a olhava, para você ela não é uma escrava. — Limpou as lágrimas com a manga do vestido, olhando com ódio à jovem, que permanecia calada e pálida sobre a cama, na qual ela havia dormido habitualmente com Hrolf. Jurou vingar-se em silêncio, mas para fazê-lo, precisava ficar ali.

— Está bem, fique na habitação das escravas, de toda a maneira, isto durou muito Gida. Não pense que é porque Erika chegou. Diga a Helga que venha, e leve suas coisas daqui.

— Sim, vou agora mesmo, — ela saiu do local sem voltar a olhá-los, embora Erika tivesse notado o ódio que seu olhar transmitia.

— Precisa comer algo. Por que não comeu no navio? — Ele se ajoelhou junto a ela, jogando o cabelo dela para trás.

— Eu não gostava da comida, além disso, estava sempre enjoada, o que eu engolia, eu devolvia.

— Devia ter me contado — Ele se calou, dando-se conta de que, agora, o importante era que ela se recuperasse. — Está bem, trarão um pouco de comida, e eu a ajudarei a comer, de acordo? — Ela assentiu, fechando os olhos depois. Era tão

frágil, não era como as mulheres dali, que eram quase tão grandes e fortes quanto os homens.

— Gida disse que você me chamou, Hrolf. — Ele se voltou para Helga, ela estava com ele já fazia anos, e também sabia de plantas e enfermidades, embora não tanto quanto Gida. Ela se aproximou dele devagar, era uma anciã, e pousou sua mão no antebraço:

— Soube sobre Beothuk, sentiremos falta dele. Era um bom homem, — ele assentiu estremecido, ali tudo o recordava, felizmente estava com Erika. Assinalou-a para apresentar-lhe.

— Helga, esta é Erika, está doente. Não comeu nada há cinco dias, diz que vomitava tudo.

A anciã, com duas tranças muito longas totalmente brancas, e a face muito enrugada, aproximou-se até ela. Olhou-a longamente, depois disse:

— Ficou sempre enjoada no navio? — Ela assentiu.

— Trarei um pouco de pão para que se assente o estômago, depois, se não o jogar fora, daremos o jantar — aproximou-se mais dela franzindo o cenho. — Hrolf, precisa banhá-la, esse vestido está molhado por algo gordurento.

— É caldo, Gida o jogou por cima dela.

— Aquela moça! Ela não tem nenhuma ideia boa em sua cabeça. Primeiro trarei o pão, enquanto isso, direi às moças que esquentem água, depois a banharei.

— Não! Farei eu Helga. — A velha o olhou sorridente, depois assentiu.

— Compreendo. — Depois, saiu do local como se fosse uma rainha. Erika olhou para Hrolf assombrada. Diante da anciã ele

parecia mais humano.

— Não sabia que estava incomodada pela roupa. Precisa me dizer essas coisas, eu quero que esteja confortável nesta casa.

Erika passeou o olhar pelo ambiente. Muito fraca até para responder, deixou que ele a despisse. Assim que esteve nua, colocou-a sob o lençol, e a agasalhou com uma pele. Helga voltou a entrar, e lhe explicou como dar o pão, como se fora um passarinho ao qual sua mãe estivesse alimentando.

— Mais? — Erika negou com a cabeça — Água? — Ela confirmou e bebeu um copo inteiro de água fresca recém-colhida do rio, como a que estava sendo aquecida na cozinha. De repente, ela sentiu alguns fortes tremores no corpo. Hrolf olhou para Helga:

— O que está acontecendo? — A anciã meneou a cabeça, sem saber o que dizer. Hrolf se deitou debaixo do lençol, junto a ela, e a abraçou com força até que passaram os tremores. Helga antes de sair o mais depressa que podia, disse:

— Voltarei assim que a água estiver quente, é a maneira mais rápida de esquentá-la. Não deixe de lhe dar calor Hrolf.

— Encontra-se melhor, *min elskede*⁸? — Ele não sabia por que a chamava assim, era uma expressão que não ouvia já há muitos anos. Por alguma razão, era a adequada para ela.

— Sim, — ela sussurrou. — Hrolf, — custava-lhe muito falar — não acredito que eu possa viver aqui, morrerei em poucos dias. Deveria me levar para minha casa, quero me despedir de minha família, — sentia tal debilidade dentro dela, que estava segura de que morreria.

— Não diga isso! Se o fizesse, seguiria você aonde fosse, —

ela olhou em seus olhos perdendo-se neles, mas estava tão cansada... Voltou a fechar os olhos, sorrindo, queria sonhar com seus pais, que estava em sua casa, feliz, como quando era menina. Dormiu tranquila nos braços de seu captor. Apesar de tudo o que ele lhe fizera, em seus braços sentia-se segura.

Alguns minutos depois aqueles mesmos braços a despertaram, para inundá-la em água quente. Seu corpo tremeu, mas desta vez de prazer. Escutou a anciã falar com o Hrolf, mas não lhe interessava a conversa, queria somente sonhar, possivelmente sonhando pudesse voltar para lá.

— Hrolf, necessita de ajuda?

— Não, ela é minha mulher, eu a banharei.

— Seca-a bem depressa, recorde-se que está muito fraca, e pode pegar frio com muita facilidade. Em um momento voltarei para lhe dar algo a mais para comer.

Ele observava à luz do fogo, enquanto a mantinha na banheira, como suas costelas estavam salientes, advertiu a si mesmo, por não ter se dado conta antes, de que ela se encontrava mal. Lavou-a com sabão, e depois de enxaguá-la, secou-a e a deitou com uma camisola que Helga havia lhe trazido. Ela se acomodou na cama com um suspiro de prazer, quase lhe parecia ter voltado para casa.

Depois chegou Helga com a comida, e voltaram a despertá-la:

Hrolf sentado na cama, ajudou-a a se sentar, apesar de que ela não queria.

— Deixe-me dormir, tenho muito sono, — sentia-se limpa pela primeira vez em muitos dias. Viu a comida no prato que

Hrolf segurava, e colocou a mão na boca. — Não, por favor! Não quero vomitar mais.

— Precisa comer. — Ele olhou às mãos, estranhando ao notar como tremiam. Helga ao ver aquilo, adiantou-se para que ele cedesse o lugar a ela.

— Deixe, eu a darei. — Ele assentiu levantando-se e lhe alcançando o prato.

— Erika, é uma papa, é muito boa, já verá como não se sentirá mal. Acredito que você estava com o que chamam mal do mar. — Erika a olhou, recordava-lhe Marianus, abriu a boca quase sem pensar. A papa quente, com sabor doce e suave, desceu por sua garganta, sem provocar ânsia. Abriu a boca quase em seguida, pedindo mais.

Hrolf se apoiou na parede observando-a comer, tranquilo pela primeira vez em uma semana. Já estava em casa.



CAPÍTULO IX

Hrolf insistiu que ela ficasse na cama alguns dias a mais, mas ela não podia ficar mais tempo ali, dando tanto trabalho a uma anciã. Ao que parecia, o restante dos escravos estava nos campos, já que estava a ponto de começar a colheita. Ela havia dormido sozinha por quatro dias, o que lhe agradeceu. Lavou-se e, colocando um de seus vestidos, que já estavam em um arca junto à roupa de Hrolf, saiu à cozinha para falar com Helga. Precisava saber mais coisas sobre aquele lugar, e, se tivesse sorte, possivelmente, conseguiria alguma ideia sobre como fugir dali.

Ela estava cozinhando, voltou-se quando Erika entrou na cozinha.

— Olá Erika, não deveria ter se levantado, o amo se zangará assim que a veja de pé, — ela resmungou, estava fazendo sua papa. Erika comia todos os dias encantada.

— Estou muito melhor, obrigada Helga. Eu gostaria de ajudar em algo.

— O que sabe fazer? — Ela encolheu os ombros

— Cozinhar não, se não quiserem ficar doentes, — brincou.
— Minha mãe não foi capaz de me ensinar, — mordeu os lábios ao nomeá-la, lembrava-se todos os dias dela, — mas, sei tecer.

— No tear? — Helga parecia estranhar que alguém tão jovem soubesse tecer.

— Sim, em minha casa fazia quase toda a roupa para minha família, bem, eu e minha mãe, nós gostamos muito de tecer.

— Isso é estupendo, desde que morreu a velha Keiris, ninguém tornou a utilizar os teares, estão no celeiro, direi a um dos meninos que traga um.

— Não, irei vê-los primeiro, para ver qual vai melhor. Sei que existem vários tipos, e prefiro um que eu já conheça.

— Está bem, vá moça, mas antes tome o café da manhã — Ela se sentou à mesa e comeu a papa. Lavou a terrina e a colher antes de sair.

Saiu, abrigada com uma das capas curtas, de verão, que havia pendurada na entrada, embora não fizesse muito frio, aquela terra era muito diferente da sua casa, havia mais árvores, e plantas. Ao longe, dentro de uma cerca, brincavam alguns cavalos que pareciam não terem sido domados. Deu uma volta para ir ao celeiro, Helga lhe havia dito que ao fundo do celeiro estavam os teares.

Viu-os em seguida, apoiados contra a parede, com os pesos que se utilizavam para tecer, pendurados livremente. Um deles era muito grande para ela, mas havia um que era mais ou menos de seu tamanho. Limpou o pó com a mão para ver bem a madeira. Era suave, estava bem trabalhada. Enquanto

precisasse ficar ali, o utilizaria, sempre a relaxava tecer. Escutou alguns gemidos à sua direita, e se virou franzindo o cenho.

Em um montão de palha, como se fossem um par de animais, havia um homem e uma mulher pulando... Não a haviam ouvido, ficou alguns segundos olhando-os, sem poder acreditar. Não sabia por que, não havia razão para isso, mas sentiu uma dor enorme no peito ao vê-lo. Então ele deve ter sentido sua presença, porque se ergueu, voltando-se. Apresentava um aspecto terrível, como um homem que estivesse no inferno, seus olhos azuis incandescentes, o traço da boca amargurado. Sussurrou seu nome, ela se endireitou, tentando aparentar que não lhe afetava o olhar de vitória da outra mulher, e foi até a saída com toda a dignidade que conseguiu.

— Erika! Volte aqui! — Ele levantou as calças abaixadas, e correu atrás dela.

— Perdoem-me que os tenha interrompido, vim buscar os teares, prossigam, prossigam. — Ela fez um gesto com a mão lhes animando, enquanto acreditava que seu coração se partiria em dois.

Mentiroso, mentiroso... — pensava, ela havia acreditado que, ao menos, era verdade que ele sentia algo por ela. Mas tudo era mentira.

Ele girou-a agarrando-a forte pelo braço, ela levantou a cabeça, arrogante. Não voltaria a enganá-la.

— Você deveria estar na cama, — a voz dele voltava a ser cavernosa, mas ela já não o temia. Era outro homem infiel,

como tantos.

— Encontro-me melhor, obrigada, — sua voz soou fria, como ela se sentia.

— Eu gostaria então, de mostrar-lhe a granja, quero que veja tudo. Pode escolher o cavalo que quiser, — ele tentava enrolá-la, acreditava que ela era tão tola? Puxou o braço para que ele a soltasse, mas somente conseguiu que ele franzisse o cenho.

— Não, muito obrigada, acredito que começarei a tecer em seguida, vou falar com Helga para ver se tem lã. — Ela voltou a puxar o braço. Desta vez ele deixou que ela se fosse, embora continuasse olhando-a com o cenho franzido.

— Maldito seja! Assim que possa voltarei para minha casa. Irei tão rápido, que não saberá o que aconteceu, já o verá, — murmurou de volta a casa.

Helga lhe deu a cesta de lãs de Keiris, e a deixou a sós no aposento de Hrolf, mas ela não queria ficar ali, então voltou à cozinha. Havia muitas meadas enredadas, desenredaria todas, assim permaneceria distraída. E poderia falar com Helga.

Havia muita lã, certamente poderia fazer uma manta para uma cama. Sempre quisera fazer uma muito colorida para seus pais, e nunca tivera tempo. Até agora.

— Helga eu não poderia tecer no celeiro? Há boa luz pelas frestas da madeira, e agora que chega o bom tempo, se estiver abrigada não passarei frio.

— Sim, não parece má ideia, Keiris costumava tecer na entrada da casa.

— Sim, minha mãe e eu também, mas seu celeiro é muito

grande e está bastante limpo. E não sentirei o pó do campo nos olhos, quando vier uma rajada de ar.

— Sim, Hrolf gosta que tudo esteja cuidado e limpo, além disso, há dois serventes para o campo e dois para o resto da granja, embora agora estejam todos dedicados aos campos por causa da colheita. E na casa Gida e eu, embora com Gida não se possa contar muito. Não a viu lá fora? Estou esperando-a toda a manhã.

— Está com Hrolf. — Helga levantou os olhos, olhando-a surpresa, seu instinto lhe disse que devia tentar justificar seu senhor.

— Não deve preocupar-se com aquela mulher, ele já não está interessado, mas ela não aceita. — Erika sorriu enquanto cortava uma parte de lã, que lhe foi impossível desenredar.

— OH, foi isso que eu vi, e asseguro que não há falta de interesse! Ele estava muito, mais do que muito interessado. — Helga a olhou com o cenho franzido, teria jurado que ele não voltaria a cair na armadilha de Gida, mas com os homens não se sabia nunca. No fundo são muito ingênuos!

— Tenho certeza de que ela o provocou até conseguir o que queria. Uma queda rápida, — ela disse, esperando que ela não desse importância.

— Seja rápida ou lenta, para mim, isso demonstra que não é de confiança. Quando meu pai se uniu a minha mãe, as demais mulheres deixaram de existir para ele.

— Hrolf se criou totalmente selvagem, conseguiu o que tem, o que é muito, ele sozinho, e a vida foi muito dura com ele. Ficou órfão ainda sendo um menino, e cuidou de seu irmão

depois disso. Com dez anos já estava no exército brigando por um prato de comida. Não acredito que ele tenha conhecido, uma família como a sua.

— Precisamente, ele os viu, não tem desculpa. Roubou-me da casa de meus pais então, somente para ser uma mais em esquentar sua cama? — Ela disse indignada, respirou fundo para tranquilizar-se. Precisava ser fria para poder sair dali, seria seu único objetivo de agora em diante. — Alegro-me de tê-lo visto. Agora, eu também me sinto livre de ir daqui assim que possa. — Helga a olhou com o cenho franzido, e as duas se viraram para o homem que grunhia na entrada da cozinha.

Hrolf viera, depois de pensar muito, disposto a lhe pedir perdão. Esperava que as palavras pudessem sair de sua boca, embora nunca tivesse pedido perdão a ninguém, por nada. Mas chegou a tempo para escutar que ela sairia de seu lado assim que pudesse. Isso não ocorreria nunca! Antes se gelaria o inferno!

Sua mente era um caos, não se recordava de nada, mas quando ficou consciente outra vez, estava com ela em seu aposento. Erika o olhava desafiadoramente, ele não podia pensar racionalmente, sua mente estava coberta com uma espécie de neblina. Somente sabia que precisava fazê-la entender que era dela. Que jamais voltasse a pensar que não o era. Agarrou-a pelo pulso e rasgou seu vestido. Ela parecia assombrada.

— Solte-me Hrolf! — Ela começou a lutar, ele a segurou com facilidade. Ela então, mais zangada do que nunca em sua vida, fechou a mão em forma de garra, e o arranhou no rosto,

deixando-lhe quatro marcas na bochecha.

— Cadela! — Ele rugiu furioso levantando a mão para bater. Ela ergueu o rosto, para que ficasse mais fácil. Queria que ele batesse nela, que ele a machucasse. Assim não voltaria a ter sentimentos por ele, nunca mais, mas ele vacilou. Não podia fazê-lo, nunca poderia levantar a mão para ela, com ira.

— O que espera? Vamos, me bata, — ela se aproximou mais dele. — Deixarei isto mais fácil. Venha, bata! — Ela voltou a levantar o rosto. Ele a puxou pela mandíbula com força, e guiou seu rosto para lhe dar um beijo, mas ela afastou a boca.

— Atreve-se a se negar a mim? — Ele a sacudiu, ainda a mantinha presa pelo pulso.

— Alguma vez serei sua, alguma vez vai me ouvir? Vá com Gida! É como um cão, um animal que precisa montar fêmeas todos os dias! — Ele a levantou em seus braços e a lançou sobre a cama, o impacto fez com que lhe faltasse o ar. Hrolf colocou a mão sob suas saias, para levantá-las e depois, agarrou o membro e a penetrou, ébrio de raiva e fúria. Ela estava seca e gritou de dor, nunca havia doído tanto. Sentiu-se suja e usada como se fosse um animal. Enquanto ele entrava e saía dela, com a cabeça apoiada no oco de seu ombro, ela repetiu constantemente em seu ouvido:

— Odeio você, odeio você, odeio você... nunca odiei ninguém, até conhecê-lo.

Quando ele se esvaziou nela, levantou-se da cama com um grunhido terrível, que vibrou por todo o ambiente. Durante alguns minutos, esteve fazendo o mesmo ruído, que um animal selvagem pego em uma armadilha. Afastou-se até a porta, mas

não foi capaz de deixá-la assim, e voltou junto à cama. Olhou-a, ela mantinha os olhos fechados e o rosto tampado com um braço, como se não quisesse que a vissem. Aproximou a mão de seu rosto devagar, ela deve ter sentido porque abriu os olhos e o olhou com ódio, depois se sentou baixando as saias. Ele se voltou e saiu do local. Só então, ela chorou.

O resto da manhã passou como em uma nuvem, não era capaz de concentra-se no que acontecia a seu redor. Helga, que havia escutado os ruídos, ajudou-a a se lavar, e colocar um vestido limpo.

— Vamos menina, não se preocupe tanto, há homens que custa mais que a outros a acasalar-se com seu par. Ele a ama, estou segura disso, só no modo como a cuidou, quando você estava doente. — Erika estava sentada diante da cesta das lãs, sem fazer nada, não podia. Sua mente não podia pensar em nada. Concentrava-se em respirar profundamente, para não começar a chorar e a espernear como uma menina pequena, para que a levassem junto a seus pais. Não queria se lembrar deles, porque sabia que então começaria a chorar e não pararia. E não queria chorar mais.

Pela primeira vez em sua vida queria... não! Queria não era a palavra. Precisava se vingar. Sabia, por seu pai, que o maior sofrimento de um *berserker*, era que alguém fizesse mal para sua companheira. Isso e que sua companheira não o quisesse, então decidiu que se vingaria onde mais lhe doeria.

A ocasião se apresentou depois de comer, ela comeu na cozinha com os serventes. Apesar de que Hrolf pediu que ela fosse ao salão em várias ocasiões, ela não deu bola. Finalmente

ele apareceu pela cozinha.

— Chamei-a várias vezes. — Ele falou tranquilo, e a olhava com precaução. Fazia bem, já que ela não sabia quanto tempo poderia aguentar sem lhe tirar os olhos.

— Sei, mas preferi comer aqui, — Ela continuou recolhendo as terrinas de comida, embora Helga lhe houvesse dito que não o fizesse.

— Quero falar com você.

— Mas eu não, — ela deu alguns toques em Helga no ombro. — Deixe que eu lave os pratos, por favor.

Ele, já farto, agarrou-a pelo pulso, e a levou ao aposento, onde fechou a porta e ficou olhando-a. Finalmente, baixou a cabeça e disse:

— Sinto muito, é que quando ouvi que você me abandonaria, enlouqueci, não poderia suportar. — Aproximou-se dela, mas Erika não se moveu. — Diga que me perdoa.

— Não. Não o perdoo, somente o faria, se me deixasse ir para minha casa.

— Esta é sua casa.

— Ora! Nada disso. Se fosse minha casa, poderia fazer mudanças nela, decidir a quem se admite nela...

— Pode fazer o que quiser, — ele antecipou-se antes que ela terminasse de falar.

— Não quero fazer nada, — olhou a marca que havia deixado com as unhas na bochecha dele. Sentiu remexer o estômago ao pensar que lhe tirara sangue, — vou, não quero estar a sós com você.

Ele se colocou a um lado, para deixá-la passar com um

estremecimento diante de sua frieza. Erika voltou à cozinha, em seguida veio Helga, ela estivera falando com Hrolf:

— Quer que lhe diga que vão caçar, há uma cabana na montanha, voltarão em alguns dias.

Ela não disse nada, continuou com as meadas de lã, ela decidira deixá-las maiores, mesclando várias cores, assim seriam mais alegres. Tentava distrair-se. Deitou-se logo, apesar dos rogos de Helga, dormiu com ela em seu aposento, não queria dormir na cama de Hrolf.

No dia seguinte, assim que tomou o café da manhã, foi preparar o tear, esteve limpando-o, e o colocou junto a uma das paredes por onde entrava mais luz. Depois, foi lançar uma olhada ao navio na praia. Não havia ninguém à vista, mas sua casa estava muito longe, e ela não sabia navegar. Além disso, aquela nave, necessitava de vários homens para que sulcasse o mar. Voltou junto ao tear resignada, e começou a trabalhar. Como lhe ocorria sempre, meteu-se em seu mundo, e não via, nem escutava nada do que havia a seu redor. Estava inclinada tecendo, quando sentiu uma mão que a agarrava pelo braço:

— Estou falando com você já faz um tempo! Está surda? — era Gida, que forte era aquela mulher! Olhou-a desejando que ela desaparecesse de sua visão.

— Tome! — Ela atirou a seus pés uma adaga. Erika a olhou com o cenho franzido. O que pretendia aquela louca?

— Briga! Hrolf me expulsou de suas terras, diz que sou livre, tudo por sua culpa, mas não vou admitir. Brigaremos por ele!

— Não vou brigar com você por ele, por mim pode ficar

com ele. Não se preocupe, eu não vou atrapalhar.

— Será que não me escutou? Ontem nos reuniu, e disse em frente a todos, que você é a dona de tudo, e que eu precisava ir. E que, se alguém não a respeitar, que se preparasse para o pior. Mas para mim não há nada pior que estar sem ele, — negou com a cabeça e sua juba loira se moveu alvoroçada, de um lado a outro. Estava com o cabelo enredado e sujo, pela primeira vez, e para Erika pareceu que possivelmente não estivesse muito bem da cabeça. Levantou-se devagar.

— Podemos falar sobre isto Gida, eu não sou nenhum estorvo para você, asseguro-lhe isso.

— Sim, é! Está mentindo! Quer ele para você! — Ela gritou, — agarre a adaga, vamos! — Apontou a adaga com a sua própria, para que ela a agarrasse. Erika se abaixou sem deixar de olhá-la. Começou a se preocupar.

Seu pai a ensinara a brigar, mas fazia muito que não praticava com a adaga, gostava mais da espada. Deram algumas voltas, uma ao redor da outra, até que Gida esticou o braço e, formando um arco, tentou cravar-lhe no peito. Ela se lançou para trás, e esticou a mão conseguindo segurar a mão de Gida. Lutaram, Gida tentava baixar a adaga, e ela tentava segurar sua mão acima. Mas a escrava era muito forte e ela não acreditava conseguir aguentar muito tempo mais. Nesse momento, escutaram um grito.

— O que estão fazendo? — Hrolf entrou como louco, vendo as duas mulheres brigando com adagas. Erika ficou parada olhando-o, mas Gida foi mais rápida, e lhe cravou a adaga no

braço.

Hrolf lançou um rugido ao ver aquilo e Gida se afastou assustada. Erika segurou o braço que sangrava, enquanto respirava fundo tentando não desmaiar, já ficara desacordada suficientes vezes para toda sua vida. O viking, meio louco, agarrou Gida pelo vestido e a jogou contra a parede. Depois, aproximou-se de Erika e olhou seu braço, que sangrava bastante.

Olhou-a com os olhos úmidos, ela ficou surpresa ao vê-lo. Já possuía sua vingança. Embora fossem as suas próprias custas.



CAPÍTULO X

Não recordava o ocorrido depois com muita clareza, somente que se formou muita confusão de gritos. Vieram os homens para ver o que acontecia. Isso foi até que Hrolf, que parecia emitir um estranho zumbido, gritou mais forte que todos, então, os outros se calaram e o escutaram. Ordenou que levassem a Gida à cabana e que a encerrassem sem deixá-la sair, mais tarde ele se ocuparia dela, e que chamassem Helga.

Erika se sentia como se aquilo não lhe estivesse acontecendo, estava ajoelhada segurando o braço. Levou-a até a cozinha, agradeceu que a levasse ali e não ao aposento. Sentia-se estranha, como se não lhe afetasse nada do que estava ocorrendo. Não escutava o que falavam. É obvio, ouvia vozes e os ruídos de Helga, que devia estar procurando algo. Pensou que era uma pena que não pudesse continuar com a manta para a cama de seus pais. As cores que havia misturado eram muito bonitas.

— Erika! — Hrolf a sacudiu um pouco a agarrando pelo ombro. Parecia como se estivesse sumida, assustou-se, ela não

respondia a seu nome. Finalmente conseguiu que ela o olhasse.

— O que quer? — Ela continuava com o braço seguro pelo outro, como se não se atrevesse a soltá-lo.

— Precisa deixar que Helga veja seu braço. — Ela olhou o braço e pareceu surpresa de vê-lo ensanguentado, depois, esticou-o lentamente para Helga, e voltou a olhar ao infinito.

— O que lhe acontece? — Ele estava realmente assustado ao vê-la.

— É pelo susto. Acredito que sua mente, não pode aceitar tudo o que passou, necessita de tempo. Precisaré deixá-la até que esteja tranquila, vou curá-la, e depois a deixaremos descansar. Alguém deve ficar com ela, — ele assentiu preocupado.



Felizmente, não precisou estar mais de uma noite separado dela. Havia retornado, para lhe dizer que precisava arrumar as coisas, que mudaria. Que ela lhe dissesse o que precisava fazer, mas que não podia deixá-la partir, porque não sobreviveria. Quando voltou e Helga lhe disse que estava no celeiro tecendo, pensou que finalmente estava se adaptando e foi vê-la. Quando as viu brigando com a faca, gritou tentando distrair Gida. Se Gida a tivesse matado, não teria conseguido evitar lhe arrancar a cabeça, fosse mulher ou não.

A ferida era superficial, quando Helga terminou de lavá-la e enfaixá-la, ele a levou à cama, despindo-a como se fosse uma menina e agasalhando-a depois. Atiçou o fogo, e se sentou

junto a ela, em uma cadeira, porque não queria incomodá-la. Agarrou sua mão embalando-a entre as suas, depois, levou-a a seus lábios e a beijou com paixão. Fechando os olhos, deu graças aos deuses, porque não lhe aconteceu nada grave.

— Tenho frio, se importa de deitar a meu lado? — Incrédulo, ele se meteu na cama depois de despir-se e tirar as botas, abraçou-a com cuidado.

Colocou seu braço enfaixado sobre os lençóis para que não roçasse em nada, agora lhe ardia muito, Helga o banhara com algo que ardia horrores. E ela havia entrado em dormência, aproximou-se de Hrolf, estava tão quente... bocejou, acomodando sua cabeça no peito do homem, e dormiu.

Ele velou seu sono com olhos vigilantes, olhando o fogo, agradecendo ter outra oportunidade para arrumar o que havia feito mal. Beijou-a na cabeça com cuidado para que não despertasse, e acariciou seu braço saudável encantado de poder embalá-la contra seu corpo.

Levantou-se uma hora depois, vendo que continuava adormecida, saiu, precisava falar com Gida. Bjarni estava esperando na sala.

— Onde ela está? — Bjarni se aproximou dele.

— Segue na cabana, Thorvald a está vigiando.

— De acordo, vamos.

Entrou sozinho na cabana, ali dormiam os escravos varões. Gida havia quebrado tudo o que encontrara a seu alcance. Nem sequer isso conseguiu zangá-lo mais, nada podia piorar o que ela havia feito a Erika. Observou-a alguns

instantes, seu olhar de ódio teria aterrorizado a qualquer outra mulher.

— Gida, recolha suas coisas. Não vou castigá-la pelo que aconteceu, mas quero que se vá, Leif e Thorvald lhe acompanharão ao povoado. Ou se preferir, poderão levá-la a outra granja, sei que um dos vizinhos está interessado em você.

— Quando vinham de visita, ela se deitava com vários deles, e ele nunca se importara. Agora se dava conta de que isso significava que não sentia nada por ela.

Gida se ajoelhou soluçando e agarrou o cabelo, puxando-o. Hrolf olhou durante um momento para o chão, não teria paciência para isto. Suspirou.

— Gida, não vai servir de nada que faça isso. Amo-a, e se a tivesse matado, eu teria acabado com você, e depois eu não gostaria de continuar vivendo. Quando eu a conheci, soube que era a escolhida, — ela ficou olhando-o com desespero. Pela primeira vez ele se deu conta de que ela sentia algo por ele, acreditava que sua relação se reduzia a algumas quedas na cama, quando os dois sentiam vontade. Era uma mulher forte, e nunca dera sinais de querer nada mais. Verdade que ela era muito possessiva, mas ele pensava que era parte de seu caráter.

— Sinto muito. Se precisar de algo, peça aos homens, — ele saiu dali e respirou fundo, escutando os alaridos da mulher. Seguiu andando até a casa, seguido por Bjarni.

— Então quer que ela se vá?

— Sim, quanto antes melhor. Hoje mesmo, se algo mais grave tivesse acontecido com Erika — encolheu os ombros,

incapaz de continuar falando.

— Não o reconheço, não parece o mesmo, Hrolf. Quando disse que nós precisávamos ir, embora nos tivesse contado o que o pai dela lhe dissera, não fui capaz de imaginar como mudaria sua vida, e a de todos, com ela aqui.

— Sim, preciso arrumar muitas coisas com ela, mas acredito que conseguirei que sejamos felizes. Farei o que seja preciso, mudarei, vale a pena, ela merece tudo. — Ele sorriu. Bjarni arregalou os olhos ao vê-lo. Não se lembrava de tê-lo visto sorrir antes. Já estava mudando.



Erika abriu os olhos lentamente, de repente, tudo lhe veio em cima. Quando reconheceu o aposento, voltou a sentir a mesma tristeza que sentira no sonho. Sua mãe a chamava e ela não podia atender, precisava dela.

— O que houve? — Hrolf a olhava com olhos preocupados, estava com a mão agarrada na dela, e esperava paciente.

— Minha mãe me chamava, — disse triste.

— Era um sonho ruim, não se preocupe *min elskede*.

— Sim. — Ela suspirou, sentou-se na cama com dificuldade, já que ainda não podia utilizar o braço esquerdo. Hrolf se levantou para ajudá-la e colocar o travesseiro nas costas dela. — Já me chamou assim mais vezes, e não sei o que significa.

— Significa minha amada, no idioma antigo, aqui são ditos pelos casais, entre eles. — Ela o olhou assombrada, — quero lhe

explicar o que aconteceu com Gida. Agora que estamos mais tranquilos os dois.

— Não quero que me explique isso, — se ele o fizesse, certamente ela o perdoaria, e não queria fazê-lo. Queria poder voltar para sua casa. Se se apaixonasse completamente por ele, não voltaria com seus pais.

— Sim, deixe-me fazê-lo, — ele sussurrou — peço perdão, estava tão furioso e preocupado, que me comportei como um animal. Se viu meu rosto, sabe o quanto não estava me divertindo. Não é desculpa, sei que é importante para você, que eu lhe seja fiel. E juro por minha alma, se a tiver, que não voltarei a fazê-lo, — ela olhou seus olhos ardentes, perdendo-se neles, e assentiu em silêncio, — sou seu Erika, de ninguém mais. Embora você me abandonasse, continuaria sendo seu. Falta que você me diga se é minha, — baixou o olhar, envergonhado por ter se mostrado por inteiro a outra pessoa. Ela finalmente acreditou nele, e sua última defesa caiu.

Bjarni bateu na porta e entrou diretamente.

— Hrolf! Vieram Gerd e Thorlak, atacaram a granja deles! — Hrolf se voltou para ela e lhe deu um beijo rápido nos lábios, antes de ordenar:

— Fique aqui! — Os dois homens saíram correndo. Ela se levantou devagar para ver o que acontecia, não podia ficar na cama. Não sabia se poderiam chegar a atacar sua casa.

Aproximou-se da cozinha, já que no salão se escutavam os gritos de vários homens.

Helga se surpreendeu ao vê-la, e a fez sentar-se, preocupada.

— Estou bem, não se preocupe. O que está acontecendo Helga?

— Há alguns ladrões e assassinos, que atacam as granjas de vez em quando e depois fogem às montanhas. Não sabemos quem são, mas quando acontece, juntam-se vários vizinhos, e vão buscá-los.

— Ora. — Na casa de seus pais não se recordava de ter acontecido nada parecido. Aqui tudo parecia mais selvagem.

— Erika! — Hrolf a chamava do dormitório, foi até lá. Estava trocando de roupa, e, por cima da cama estavam as armas que levaria. Erika abriu muito os olhos ao vê-lo preparar-se para lutar. Seu coração começou a martelar no peito. De repente, deu-se conta de que não podia perdê-lo, não sem antes lhe dizer o que sentia por ele. O que havia descoberto, quando vira a morte nos olhos de Gida, e quando ele lhe confessara o que sentia, alguns momentos antes.

— Hrolf! — Ele estava trocando a camisa, e a colocaria em cima da pele, quando se virou para ela, questionando-a com o olhar. Ela, sem pensar, lançou-se em seus braços. Ele não soube o que fazer durante um par de segundos, ficou petrificado. Fechou os braços ao redor dela, negando com a cabeça.

— Está louca Erika, joga-se em meus braços agora que vou lutar, quando me negou isso todos estes dias? — Ela se afastou sorrindo trêmula.

— Acredito que o amo, e não quero que lhe aconteça nada, dei-me conta enquanto lutava com Gida, mas não queria lhe dizer isso ainda. Havia decidido lhe fazer sofrer um pouco mais,

mas não quero que vá lutar, sem saber, — olhou-o chorosa e secou as lágrimas com os dedos, — estou farta de chorar, eu não sou assim!

— O que eu digo, totalmente louca. — Ele sorriu antes de beijá-la com suavidade, como se ela fosse algo muito prezado para ele.

— Tome cuidado, por favor, preciso que você volte inteiro, — ela sussurrou.

— Voltarei, teremos muitos anos pela frente, toda uma vida — afastou-se e agarrou suas coisas — acompanhe-me até lá fora. Dê-me um beijo antes de ir, o da sorte.

Agarrou-o pela mão para acompanhá-lo contendo as lágrimas, parecia uma daquelas mulheres choronas, às quais sempre havia criticado.

Bjarni e Leif já estavam com os cavalos, esperando, Thorvald não estava porque levara Gida. Hrolf a abraçou contra ele.

— Espere-me, — sussurrou junto a seu ouvido — voltarei o quanto antes possível.

— Esperarei e que Deus o acompanhe. — Ele a beijou, subiu no garanhão, e saíram a galope. Quando desapareceram da vista, Helga e ela entraram na casa.



Demoraram uma semana para encontrá-los, a luta foi sangrenta e desagradável, mas finalmente, conseguiram acabar com os três assassinos que estavam a dois anos roubando e

matando vizinhos nas granjas da região. A última noite, antes de voltar, sentando diante da fogueira, junto a Bjarni, pensou, pela primeira vez em sua vida, que proteger o lar ou alguém que levasse no coração, era a única coisa que compensava matar outro ser humano. Deitou-se sobre a manta de seu cavalo, e fechou os olhos apoiando a cabeça no braço, recordando-se de sua mulher, desejando voltar a vê-la. Ela havia mudado tudo.

Chegou à casa de amanhã, uma semana depois de ter ido. Seus amigos haviam retornado novamente a suas granjas, deixou o cavalo no estábulo e entrou em casa arrastando os pés. De repente sentira em cima de si o cansaço de ter estado quase uma semana sem dormir, e o resto do tempo montando a cavalo. Desta vez, não abandonou a busca aos dois ou três dias, assegurou-se de encontrá-los, não queria que voltassem a atacar e pudessem colocar Erika em perigo.

Escutou sua risada do corredor, devia estar na cozinha com Helga. Ficou na soleira observando-a, seus traços morenos, e aqueles olhos violetas que o perseguiram em sonhos. Ela deve ter notado sua presença, porque deu a volta ficando com a palavra na boca.

— Hrolf! — Ela se lançou a seus braços com o rosto cheio de felicidade. Ria como uma menina, o que fez que ele risse também. Beijou-lhe a bochecha várias vezes com toques de mariposa, rindo, depois se jogou para trás com o nariz retorcido.

— Ufff!!, como cheira! — Ela riu — Helga, vamos esquentar água, ele precisa de um banho.

— Poremos várias panelas a esquentar, enquanto come. Imagino que quase não terão comido — Erika puxou-o para que se sentasse na cozinha.

— Venha, sente-se, lhe daremos um bom prato de comida, coma tranquilo, depois se banhe e vá dormir — ele sorriu, estava tão cansado, que não possuía forças nem para falar.

Comeu o que lhe puseram diante, Erika lhe partiu duas fatias de pão, e encheu uma caneca com água, depois se sentou junto a ele.

— Imagino que solucionaram, — ele assentiu sem falar, não queria falar disso. Preferia saber o que havia acontecido em casa neste tempo.

— E por aqui como foi tudo? — Helga deixou um prato de guisado diante dele, que o atacou voraz.

— Bem, estivemos muito ocupadas, — ela sorriu — limpamos as dependências e mudamos alguns móveis de lugar, espero que não se importe. Acredito que a casa está muito mais limpa, — ela mordeu os lábios, um pouco preocupada, de repente, Helga lhe havia dito que ele gostaria, mas agora ela duvidava.

Hrolf lhe agarrou a mão.

— Esta é sua casa, o que fizer está bem. — Helga assentiu pensando na resposta, embora sem se voltar.

Erika o deixou comer tranquilo, notava como ele estava cansado, ficou observando como ele comia, quase ficando adormecido em cima do prato.

— A água já está pronta, — anunciou Helga. — Aviso aos rapazes para que levem a tina e a água ao seu aposento? — Ele

assentiu levantando-se.

— Sim, que se apressem, não sei quanto tempo aguentarei sem dormir, — ele bocejou como se fosse um menino, e se dirigiu a seu aposento. Erika o seguiu inconscientemente. No dormitório, ajudou-o quando começou a se despir.

Estava tão cansado que era engraçado. Em seguida trouxeram a tina e a deixaram junto à lareira, encheram-na de água, e deixaram sabão e toalhas em uma banqueta ao lado. Hrolf se sentou na cama, exausto, enquanto preparavam o banho e por um momento, olhou o travesseiro com olhos desejosos. Erika lhe agarrou pelo antebraço para que se levantasse.

Ajudou-o a tirar as meias, morrendo de vergonha, embora ele não se desse conta. Ele estava ficando adormecido de pé. Ela o fez entrar na banheira, e finalmente lhe banhou ela própria, passando o sabão por todo seu corpo, como se fosse um menino gigante. Quando lhe enxaguou o cabelo com a jarra, disse-lhe que se levantasse e o fez sair da tina. Depois o secou. Como ele sempre dormia nu, simplesmente descobriu a cama, e ele se deixou cair nela. Agasalhou-lhe e lhe deu um beijo nos lábios, depois, recolheu a roupa suja, e o deixou dormindo.



EPÍLOGO

Helga lhe dissera que, normalmente, celebrava-se o *Vetrarblot*, a festa do solstício do verão na granja de Hrolf, já que era a maior da área. Costumavam vir os vizinhos e cada um trazia o que podia de comida e bebida. Habitualmente Hrolf não costumava participar, já que estava guerreando, que era como ele havia conseguido sua fortuna.

Como esse ano ela estava, e ele havia deixado ordens para que a obedecessem em tudo, Helga perguntara se se celebraria ali, também nesse ano, para organizar com as vizinhas.

Erika sempre se divertia muito bem nessa festa, era sua preferida. Como era verão, celebrava-se ao ar livre, todos comiam, bebiam e se divertiam com brincadeiras. Ao entardecer acendiam grandes fogueiras e dançavam em círculos ao redor delas até altas horas da madrugada, sob o sol da meia-noite.

Ela e Helga haviam organizado tudo, como ela havia visto sua mãe fazer. Quando disseram para Hrolf que a festa seria dois dias depois, tornou-se muito nervoso e insistiu que queria

que fosse dentro de uma semana. Discutiu com ele, mas não houve maneira de convencê-lo, quando lhe perguntava por que a mudança de data, ele não dizia nada, somente sorria. Então mandaram aviso aos vizinhos para trocar o dia. O ambiente entre eles era de felicidade contínua, ele estava aprendendo como se comportar com ela, e Erika reconhecia que ele era um bom aluno.

— Fez uma armadilha, não acredito, você é um trapaceiro!
— Assinalou com o dedo rindo a gargalhadas, estavam jogando Halatafi. Ela havia se levantado um momento, fora à cozinha para falar com Helga, já que no dia seguinte seria a festa, e restavam algumas coisas de comida para preparar. Ao voltar e olhar o tabuleiro, ela notara que faltavam duas peças, ele as deixara afastadas, como se as tivesse comido. Hrolf sorria com cara de safado, Erika suspirou interiormente, comê-lo-ia a beijos se continuasse assim, não podia resistir àquela cara de menino travesso.

— Não sei o que quer dizer, restam somente três peças porque você é uma jogadora ruim, — encolheu os ombros tentando segurar o riso — vamos, se apresse que quero que saíamos por um momento.

Era tarde, restavam algumas horas de luz, por isso assentiu e se levantou. Agora o entendia, queria sair para cavalgar, por isso trapaceara.

— Está bem, vamos, depois jogaremos a revanche, — ele se levantou como uma bala, e a agarrou pela mão, levando-a correndo à entrada. Erika ria tanto que sentia que as pernas não aguentariam, levava as mãos aos quadris, ele voltava o

rosto e sorria com malícia, acelerando o passo. Quando chegaram ao estábulo, ele mesmo preparou seu cavalo, que removia as patas inquieto, desejando sair e correr.

— Preparo o meu? — Ele negou com a cabeça, enquanto arrumava o seu.

— Vamos juntos.

— Eu quero cavalgar sozinha, — Ela cruzou os braços como uma menina, inclusive franzindo os lábios, com uma careta. Quando teve o cavalo preparado, agarrou-a pela cintura, como sempre fazia, e a subiu sem esforço, montando atrás, somente então ele respondeu:

— E eu quero tê-la em meus braços, todo o tempo que puder. Tem algo a dizer sobre isso? — Ela sorriu sem olhá-lo, negando com a cabeça, mas ele fez com que ela se voltasse, para lhe dar um beijo.

— Eu gosto de seus beijos Hrolf.

— E eu os seus *min elskede*. — Ele apertou os flancos do cavalo com as pernas, e começou a andar, passando a um trote suave em seguida. O sol ainda esquentava. Nos campos, o trigo e a cevada estavam crescidos, desejando ser colhidos, e os grilos tocavam sua melodia de verão.

Encaminhou-se ao rio, gostavam muito de ir ali, para nadar nus, depois se deitavam na erva para fazer amor, enquanto o sol entre as árvores, secava-os com seus raios.

Deixou o cavalo livre, para que corresse e quando chegaram o deixou solto, para que andasse por ali. Durante um longo momento a quietude da tarde só se viu interrompida, por suas gargalhadas e gemidos de prazer.

Voltaram a passo lento, ela ia meio adormecida apoiada no peito de Hrolf. Os dois usavam o cabelo solto para que secasse. Notou que ele se esticava, e se ergueu, certa que vira algo.

Estavam chegando a casa, e, na porta, várias pessoas os esperavam. Não pareciam dali.

— Esperamos visita? — Estavam muito longe para ver quem era. Voltou-se para ele, e se surpreendeu por seu sorriso terno.

— Na realidade, eles vieram para vê-la, olhe outra vez — ela o fez. Seu coração saltou enlouquecido. Voltou-se para ele, feliz como uma menina:

— Meus pais, e meus irmãos! Não posso acreditar nisso! — Beijou-lhe nos lábios apaixonadamente. Já chegavam, ele a abraçou com força e lhe disse ao ouvido depois de puxar seus arreios:

— Recorde-se sempre que a amo, e que não há nada que não faria por sua felicidade, — ela sorriu novamente chorosa, colocou a mão na bochecha dele, e dando um grito de guerra próprio de seu pai, desceu sem ajuda dele, para sair correndo aos braços de sua família.

Ele a observava sorrindo, finalmente, totalmente feliz.

Notas

[←1]

Bersercker — Guerreiros nórdicos ferozes, relacionados ao culto do deus Odin. Eles despertavam uma fúria incontrolável antes de qualquer batalha.

[←2]

Drakkar - típica embarcação viking, longa destinada à guerra e à conquista, que diferia do *knorr* essencialmente pela presença da grande carranca na proa.

[←3]

Ariete - uma antiga máquina de guerra feita de uma tora imensa, que foi largamente utilizada nas Idades Antiga e Média, para romper muralhas ou portões de castelos, fortalezas e povoações fortificadas.

[←4]

Valhala, Valíala, Valhalla ou Walhala - na mitologia nórdica e nas crenças de religiões pertencentes ao paganismo nórdico, como a religião Ásatrú, de maior reconhecimento, é um majestoso e enorme salão com 504 portas, situado em Asgard, dominado pelo deus Odin.

[←5]

Jarl - Nas línguas nórdicas, um título usado na Era Viquingue e no início da Idade Média, para designar o governador de uma região relativamente grande ou o braço-direito de um rei. Foi sucessivamente substituído pelo título feudal de duque, nos países nórdicos, e modernamente, por conde, na Inglaterra.

[←6]

Halatafi- Jogo irlandês de captura semelhante a alguns jogos de mesa encontradas também na Itália, por exemplo, em Ungiasca ,Verbania, , ou em Veneza. Atualmente semelhante ao resta um no Brasil.

[←7]

Jarl: Era um título usado na Era viking e início da Idade Média (c. 900-1300) para designar o governador de uma região relativamente grande, ou o braço direito do rei.

[←8]

Minha querida.